PARA TODOS...

ENDEREÇOS SELECCIONADOS

Cabelleireiros:

A. DORET — R. Alcindo Guanabara, 5 — Tel. 2-2431

AMERICO — R. Sete Setembro, 86-1º — Tel. 2-1181

ERITIS — R. Urugayana, 78 — Tel. 2-2608

BOTAFOGO — R. S. Clemente, 36 — Tel. 6-1504

Manicures:

CASA ERITIS — R. Uruguayana, 78 — Tel. 2-2608

Mme. CAMPOS — R. Sete Setembro, 166 — Tel. 2-1701

A. DORET — R. Alcindo Guanabara, 5 — Tel. 2-2431

Pedicures:

MIGUEL BRAGA — R. Quitanda, 79-1º — Tel. 4-5502

GONZALEZ J. — Gonçalves Dias, 78-1º — Tel. 3-5416

MOLEDO — R. Urugayana, 31-1º — Tel. 2-4126

Massagistas:

ACADEMIA SCIENTIFICA DE LISBOA — Av. R. Branco 134-1º — Tel. 2-4658

MARGARIDA BRANDT — R. Marq. Abrantes, 109 — Tel. 5-1170

Mme. CAMPOS — R. Sete Setembro, 166 — Tel. 2-1701

Penteadores:

FLEURY FELICIEN — R. Sete Setembro, 40-1º — Tel. 4-3867

JULIO DUARTE & C. SOARES — R. Sete Setembro, 139-1º — Tel. 2-5806

LONGOBARDI AUGUSTA — R. Carioca, 12-1º — Tel. 2-1551

Institutos de Belleza:

LUDOVIG — R. Ouvidor, 164-1º — Tel. 2-9504

Mme. CLEMENT — R. Uruguayana, 22-2º — Tel. 2-1510

ISABEL RAMOS — Av. Alm. Barroso, 1-S|2 — Tel. 2-8558

Joalherias:

OSCAR MACHADO — R. Ouvidor, 103 — Tel. 4-2367

KRAUSE & Cia — R. Ouvidor, 152 — Tel. 2-9044

LUIZ DE REZENDE — R. Ouvidor, 116 — Tel. 2-9010

MAPPIN & WEBB — R. Ouvidor, 100 — Tel. 4-0489

CASTRO ARAUJO — R. Ouvidor, 168 — Tel. 2-9238

CASTRO LEITE & Cia. — R. Ouvidor, 140 — Tel. 2-9028

Calçados:

CASA DO BASTOS — R. Uruguayana, 19 — Tel. 2-2616

A EXQUISITA — R. Gonçalves Dias, 62 — Tel. 2-1387

CASA OUVIDOR — R. Ouvidor, 171 — Tel. 2-3872

CASA ABRUNHOSA — R. Republica do Perú, 101 — Tel. 2-0276

CASA NORAH — Av. Passos, 59 — Tel. 4-3647

CASA GUIOMAR — Av. Passos, 120 — Tel. 4-4424

CASA RIVER — R. Republica do Perú, 46 — Tel. 2-5477

BOTA FLUMINENSE — Av. Passos, 123 — Tel. 4-5963

GALLO & Cia. — R. S. José, 69 — Tel. 2-3545

GATO PRETO — R. Visc. Maranguape, 9 — (Lapa) — Tel. 2-4686

A SEDUCTORA — R. Uruguayana, 46 — Tel. 2-2228

A PREDILECTA — R. Uruguayana, 60 — Tel. 2-2123

CASA FERRAZ — R. Uruguayana, 34 — Tel. 2-0655

Chapéos:

CASA LEBLON — R. Gonçalves Dias, 15 — Tel. 2-1540

MARIA MAGRA — Ouvidor, 155 — Tel. 3-6353

CASA CASTRO — R. Uruguayana, 11 — Tel. 2-2234

PEREIRA DE SOUZA — R. Gonçalves Dias, 4 — Tel. 2-4832

RIGOR DA MODA — Sete Setembro, 185 — Tel. 2-3679

BACCARINI, IRMANS — Av. Rio Branco, 106-1º — Tel. 2-1193

MARIE CAMILLE — Av. Rio Branco, 133 — Tel. 3-2700

JUDITH MOURA — Av. Rio Branco, 177 — Tel. 3-1047

Perfumarias:

BAZIN — Av. Rio Branco, 143 — Tel. 3-3746

LOPES — Av. Rio Branco, 134 — Tel. 2-2938

LOPES — Praça Tiradentes, 34-38 — Tel. 2-0648

LOPES — R. Uruguayana, 44 — Tel. 2-0539

CIRIO — R. Ouvidor, 183 — Tel. 2-9249

HORTENCE — R. Sete Setembro, 123 — Tel. 2-5675

KANITZ — R. Sete Setembro, 127 — Tel. 2-0697

PERESTRELLO — R. Uruguayana, 66 — Tel. 2-4094

RAMOS SOBRINHO — R. Quitanda, 89 — Tel. 3-4571

Casas de Meias:

CASA DAS MEIAS — R. Uruguayana, 154 — Tel. 3-4909

CASA OLGA — R. Uruguayana, 100 — Tel. 4-0218

CASA SOUTO — R. Sete de Setembro, 93 — Tel. — 2-3342

CASA STEPHAN — R. Uruguayana, 12 — Tel. 2-8424

MOUSSELINE — R. Gonçalves Dias, 39 — Tel. 2-1252

MOUSSELINE — R. Uruguayana, 20 — Tel. 2-1489

MEIA PAULISTA — R. Uruguayana, 18 e 26 — Tel.

Armarinho (miudezas):

CASA GONÇALVES — R. Sete Setembro, 165 — Tel. 2-3958

PARC ROYAL — R. Ramalho Ortigão — Tel. 2-3064

BARBOSA FREITAS & Cia. — Av. Rio Branco, 136 — Tel. 2-0318

Mme. ROCHE — Av. Rio Branco, 104 — Tel. 4-2159

CASA RATTO — R. Gonçalves Dias, 47 — Tel. 3-8539

CASA MACHADO — R. Gonçalves Dias, 45 — Tel. 2-3548

A SAMARITANA — R. Ramalho Ortigão, 18 — Tel. 2-0888

A SILHUETA — R. Sete Setembro, 147 — Tel. 2-3093

Fazendas:

PARC ROYAL — Largo S. Francisco — Tel. 2-3064

NOTRE DAME — R. Ouvidor, 182 — Tel. 2-9050

CASA ISIDORO — R. Sete Setembro, 99 — Tel. 2-1754

CASA DOS TRES IRMÃOS — R. Ouvidor, 160 — Tel. 2-9444

CASA SUCENA — Av. Rio Branco, 76-86 — Tel. 4-0604

FAZENDAS PRETAS — Av. Rio Branco, 141 — Tel. 3-3837

Modas e Confecções:

A IMPERIAL — R. Gonçalves Dias, 56 — Tel. 2-1296

SALGADO ZENHA — Av. Rio Branco, 145 — Tel. 3-3012

A MODA — R. Gonçalves Dias, 20 — Tel. 2-1468

FAZENDAS PRETAS — Av. Rio Branco, 141 — Tel. 3-3837

PARC ROYAL — R. Ramalho Ortigão — Tel. 2-3064

AGUIA DE OURO — R. Ouvidor, 169 — Tel. 2-9139

A VOGA — R. Ouvidor, 167 — Tel. 2-9048

AO GRAND PALAIS — R. Sete Setembro, 110 — Tel. 2-4230

Rendas e Bordados:

CASA CASTRO (Bordados) — Sete Setembro, 175 — Tel. 2-1443

CASA GABY (Bordados) — Ouvidor, 176 — Tel. 2-0995

Mme. ROCHE (Bordados e Rendas) — Av. Rio Branco, 104 — Tel. 4-2159

PINHEIRO & IRMÃOS (Bordados) — Gonçalves Dias, 57 — Tel. 2-1301

VIEIRA DA SILVA & Cia. (Bordados) — Sete Setembro, 143 — Tel. 2-1220

A VALENCIANA (Rendas) — Av. Rio Branco, 152 — Tel. 2-3984

CASA FLORENÇA (Rendas) — Av. Rio Branco, 158 — Tel. 2-8808

CASA VENEZA (Rendas) — Av. Rio Branco, 117 — Tel. 4-2479

Luvas e Leques:

CASA FORMOSINHO — R. Ouvidor, 136 — Tel. 2-9134

LUVARIA GOMES — R. Ramalho Ortigão, 38 — Tel. 2-2459

CASA CAVANELLAS — R. Ouvidor, 178 — Tel. 2-9405

CASA SERRANO — R. Gonçalves Dias, 14 — Tel. 2-4920

Flores:

CASA FLORA — R. Ouvidor, 61 — Tel. 4-2247

CASA FLORA — R. Gonçalves Dias, 67 — Tel. 2-0486

CASA JARDIM — R. Gonçalves Dias, 138 — Tel. 2-2850

FLOR DE LIZ — Av. Rio Branco, 175 — Tel. 2-5681

FLORICULTURA BARBACENA — R. Assembléa, 113 — Tel. 2-8132

ARTE FLORAL — R. Gonçalves Dias, 17 — Tel. 2-8260

Pelleterias:

PELLETERIA BRASIL — Praça Governadores, 2 — Tel. 2-4972

PELLETERIA CANADA' — R. Uruguayana, 21-1º — Tel. 2-4827

PELLETERIA LEIPZIG — R. Gonçalves Dias, 75-1º — Tel. 2-2696

PELLETERIA SIBERIA — R. Ouvidor, 155-1º — Tel. 2-9059

Cintas:

CASA SCHAYE' — Av. Gomes Freire, 19 — Tel. 2-1074

CASA MORAES — R. Assembléa, 107 — Tel. 2-2419

MODELO LUIZ XV — R. Ouvidor, 177 — Tel. 2-9205

LUIZA TUPY — R. S. José, 104-4º and. — Tel. 2-1436

O 12° anniversario de "O Camizeiro"

A nossa mui leal e heroica cidade do Rio de Janeiro despertou no dia 30 do mez passado como que em plena revolução: tiros, foguetes, musica, flores...

Onde era tudo isto? Em plena Rua da Assembléa, onde os bondes nem automoveis mais passavam, o povo se apinhava e comprimia.

Por que? Simplesmente porque "O Camizeiro", conhecida casa de camisas e outros artigos completou o seu 12° anniversario e, festejando essa magna data, foram remarcados (para menos) todos os preços, havendo, por esse regosijo, tiros, foguetes, musica e flores.

Os senhores Agostinho & Co., dizem que são "loucuras de Maio". Nós dizemos que são loucuras de todo o anno...

Verdadeira multidão aguardando a abertura d'"O Camizeiro".

Casamento do Sr. F. N. Sutherland com Mme Naruna Corder

Foi um evento social de elevado destaque e distincção, repercutindo amplamente na nossa melhor sociedade o casamento do Sr. Frederick Neil Sutherland, B. A., A. M. I. E. E., com Mme Naruna d'Amorim Corder, realizado no dia 25 de Abril p. p., ás 5 p. m., na Capella de N. S. da Piedade.

Mme Naruna é conhecidissima pelos seus dotes artisticos e relações sociaes como educadora, gosando muito justamente o previlegio de haver despertado o gosto pelas danças classicas e educação physica na sociedade carioca.

O Sr. Sutherland é Gerente Geral da English Electric Co. Ltd. no Brasil e Presidente actual da Legião Britannica, muito relacionado no nosso alto commercio e membro proeminente da Colonia Britannica em cujo seio gosa o prestigio de seus predicados pessoaes. O facto de a egreja ter ficado repleta até á rua é bem significativo da popularidade dos noivos.

A cerimonia foi conduzida pelo Rev. Fr. Albert Nicholson e abrilhantada na parte musical com o concurso da Sta. Helena Barreto (violino), Sr. Iberê Gomes (violoncello), Sr. Arnaldo Estrella (orgão) e Sta C... Abreu que cantou com admiravel inspiração a "Ave Maria" de Schubert.

Serviram de testemunhas por parte da noiva a Sta. Luiza Cezar e Sr. Charles E. Sanceau e por parte do noivo o Sr. W. M. K. Dunn, conduzindo as almofadas as meninas Edelvira Barroso e Elsa Oliveira.

Após a cerimonia os convidados foram cumulados de gentilezas em uma elegante recepção nos salões do Country Club onde o Sr. e Sra. Reidar Birkeland, cunhado e irmã da noiva, fizeram as honras da occasião. Ao terminar a reunião os noivos foram acclamados em enthusiastica despedida partindo em viagem de nupcias até Buenos Aires a bordo do "Almanzora" de onde regressarão no mesmo vapor para sua residencia á Rua Bolivar, 105, Copacabana.

Grande foi o numero de lindos e valiosos presentes offertados aos noivos pelos seus innumeros amigos.

Uma Descoberta Maravilhosa

Tubo FIALA radioemanogeno L. PAGLIANI para o preparo, em casa, da agua radioactiva

Que as doses moderadas de emanação do Radium na agua sejam efficazes tem-se uma prova no poder das aguas de fontes naturaes radioactivas, cujas virtudes curativas dependem muito mais da sua moderada radioactividade do que do seu conteúdo em substancias chimicas. O uso prolongado destas aguas radioactivas tem acção curativa certa. Para poder praticar taes curas, porém, longe das fontes e em todo o tempo, na propria casa, faltava até hoje um apparelho que produzisse emanações de Radium, de uso facil e de pouca despesa. Pois foi pela dedicação ao estudo desse problema, muito sério para o bem-estar da humanidade, que o professor L. Pagliani, medico e scientista notavel, conseguiu um apparelho que denominou "TUBO (FIALA) RADIOEMANOGENO "L. PAGLIANI". Esse tubo contém sal de radium, cuja emanação dá á agua commum uma radio-actividade muito superior a todas as aguas mineraes conhecidas. O radium, sendo por assim dizer, eterno, estes tubos não perdem sua efficacia senão depois de muitos annos. Seu pequeno volume, numa grade de prata finissima, permitte leval-o e utilizal-o em toda parte, e produz, em 24 horas um litro de agua radioactiva.

A descoberta do professor "L. Pagliani" foi approvada e controlada pela grande scientista Mme Curie, e aqui, depois de analysada especialmente pelo Instituto Oswaldo Cruz, foi igualmente approvada em minucioso laudo, assignado pelos Drs. Carlos Chagas e José Carneiro Felippe.

Como se vê, trata-se de uma descoberta importantissima, que facilitará a cura das mais graves molestias, como sejam:

a) Diathesis uricimicas e gottosas com manifestações de: calculos renaes, areias urinarias, tumefacções dolorosas das articulações, nevralgias, mialgias, dores sciaticas, diabetes, etc.

b) Deficiencias no renovamento geral do organismo, por qualquer causa: esgotamento nutritivo e funccional.

c) Alterações funccionaes das glandulas das vias digestivas, das endocrinas e intersticiaes, das generativas e mammarias. Alterações funccionaes da pelle e do couro cabelludo.

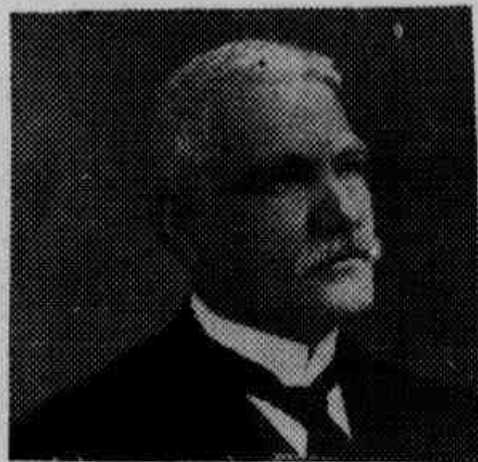
d) Molestias varias e debilidade, que acompanham a menopausa das senhoras, a incipiente e accentuada velhice precoce ou moral, nos dois sexos, com perturbações uremicas e arterio-escleroticas.

e) Consequencias de uma vida demasiado sedentaria, especialmente com excessivo cansaço cerebral.

f) Em todos os casos, em que seja util favorecer a actividade funccional de alguns orgãos especiaes ou de todo o organismo em geral.

O "TUBO (FIALA) RADIOEMANOGENO "L. PAGLANI", para esse fim, contém, encerrado em suas paredes permeaveis á agua, mas inatacaveis por ella, uma quantidade de sal insoluvel de radium, que, sem consumir-se sensivelmente, produz, como nas rochas radiferas, uma quantidade sempre constante de radio-emanação; para isso, collocando-se o "Tubo" na agua, esta recebe a solução ao nascer e justamente no momento em que a sua potencia radio-activa está no mais alto grau. Por este processo, determinadas quantidades de agua, renovando-se em uma unidade de tempo, dentro de um recipiente que contenha um "TUBO RADIOEMANOGENO "L. PAGLIANI" adquirem successivamente, sem limite de vezes, um grau de radioactividade superior ao dos mais ricos mananciaes hydricos, que se radio-activam na natureza, ao atravessar as chamadas rochas radiferas.

A descoberta do prof. Pagliani merece, pois, o maior carinho dos nossos scientistas e dos nossos numerosos doentes.

Qualquer pedido que se queira fazer, deve endereçar-se ao Sr. V. Marchese, no Rio de Janeiro, á rua da Quitanda, 79, sobrado, ou em Petropolis, á Avenida 15 de Novembro, 964, devendo a importancia vir em vale postal, cheque ou carta registrada com valor.

Uma moderna empresa de refeições a domicilio

Do Sr. Frederico Hillebrecht recebemos uma gentil communicação da inauguração de uma Empresa Fornecedora de Refeições, á Rua Marquez de Abrantes, 147, telephone 5-1026, empresa essa, moderna, perfeitamente apparelhada para bem servir a sua vasta clientela, cuja cozinha está a cargo de um verdadeiro profissional estrangeiro e ex-auxiliar do Hotel Gloria.

As refeições a domicilio que o Sr. Frederico Hillebrecht fornece são almoço e jantar, á razão do modico preço de 3$500, acceitando tambem fornecimentos para banquetes.

PARA TODOS...

"AVIS-RARA"

PÉ-GALLO... A cabecinha da Ruth vive povoada de seres phantasticos, um dos quaes curiosissimo — o pé-gallo. Haverá naturalista que adivinhe que animal é este? Ella, entretanto, dissertará meia hora, na sua encantadora linguagem cheia de movimentos de mãozinhas explicativas, sobre a familia dos *pé-gallos*, maridos das *pé-gallinhas*, as quaes botam *pé-ovos* donde sahem *pé-pintos*.

Tudo vem dum annuncio americano de remedio para callos, cuja marca de fabrica figura pé humano encimado de gallinacea cabeça. Tinha o habito de abrir os jornaes no chão e, estendida sobre elles de barriga, examinar, commentando uma por uma, todas as gravuras ou vinhetas — as cruzes das missas, o homem de picareta ás costas do Biotonico, o peixe da Emulsão de Scott, os naviozinhos da Royal Mail.

Certo dia deu com o pé cristudo do *Gets-It*, o tal remedio para callos. Franziu a testa e veio incontinenti saber que era aquillo.

Expliquei-lh'o, pachorrentamente:

— E' o pé-gallo, uma ave que existe nos Estados Unidos.

Ruth ficou a scismar longo tempo, de olhos presos no estranho bicho.

Mais tarde, em vespera de seu dia de annos, perguntei-lhe o que queria. Não vacillou:

— Quero um pé-gallo!

— Para quê?

— Para criar aqui no quintal. Um pé-gallo e uma pé-gallinha tambem. Ha pé-gallinha?

— Como não? E ha ainda pé-ovo e pé-pinto.

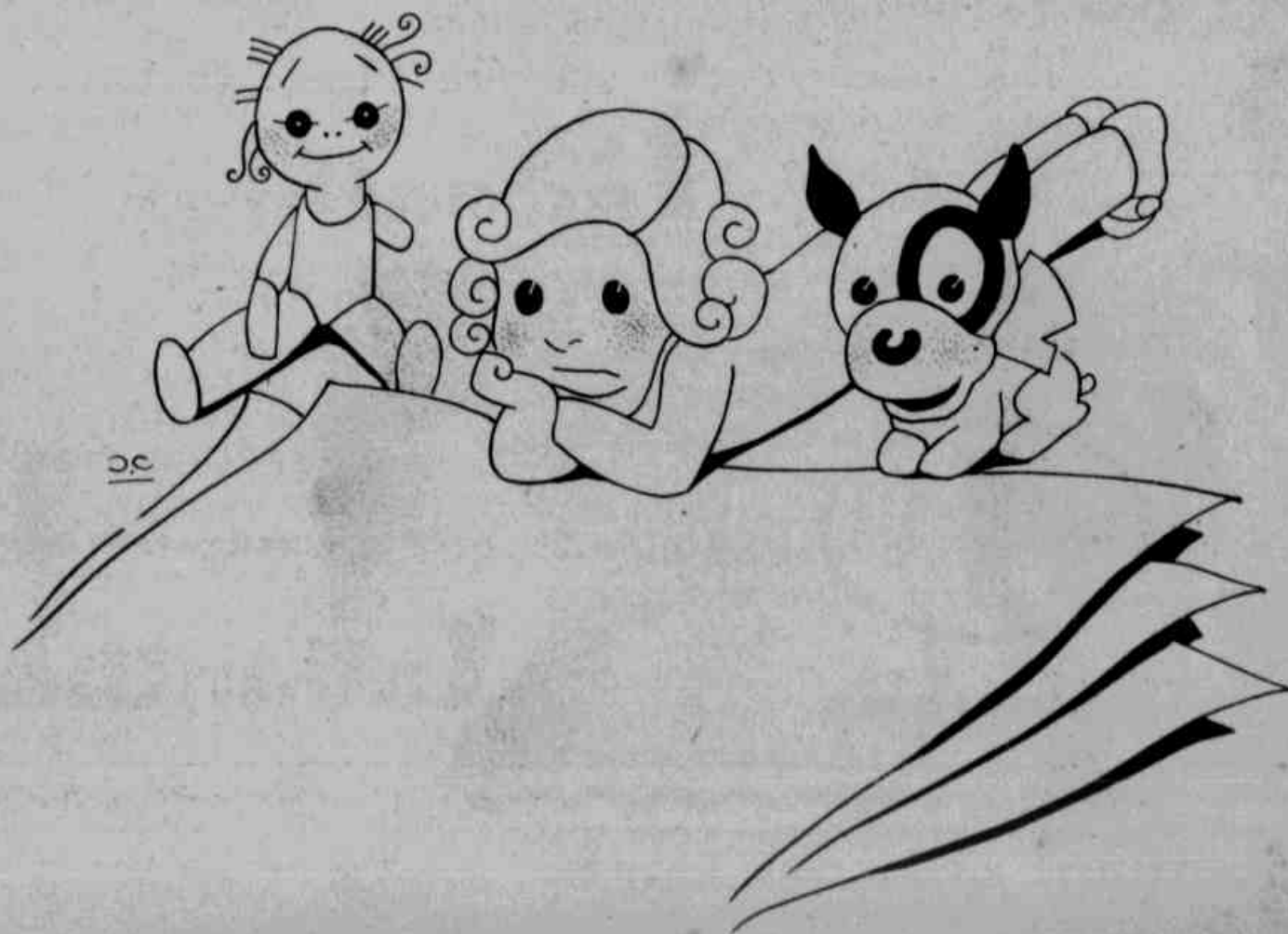
— Quero! Quero! Quero tudo! e batia palmas, radiante, a imaginar a linda creação que se desenvolveria no quintal.

A encommenda foi feita; está custando a chegar; emquanto isso, Ruth derrama-se em projectos.

— Dou um para vôvô, um pé-pinto. Outro para Martha, você quer, Martha, um pé-pintinho?

E começa o sonho, na rêde, aos balanços, cada vez mais fortes.

— Sabe? Calço uma botina velha no pé-gallo. Coitado! Tem tanto caco de vidro no quintal... E todos os sabbados córto a unha delle. E...

E não acaba mais a encantadora improvisação daquelle mundinho phantastico...

RESACA

QUANDO a mulher fugiu para Pernambuco, com uma praça do 49, o velho Manuel Lucas, pobre jangadeiro que a idade não deixava ir mais á pesca, foi morar com a filha pequena, a Rosa, num casebre abandonado, além de Mucuripe, quasi ao pé do pharol.

Em torno da cabana, estendia-se uma costa alva e deserta, onde alguns muricizeiros vicejavam a custo; e um par de coqueiros, mesmo ao oitão da choça, abria no ar sereno os flabellos das folhas amarellas.

Logo adeante, erguia-se o morro liso e ingreme, de uma brancura cegante, correndo parallelo ao oceano, de tal modo que o caminho para o povoado ficava entre o cómoro e o mar, com pequena distancia entre um e outro.

Ao meio deste trecho augusto, quando o morro mais avançava para as aguas, negrejavam brutos arrecifes recobertos de limo verde, escorregadio, abertos em poças de agua, onde fervilhavam mariscos e siris.

Na maré cheia, investindo contra a rocha, as ondas bloqueavam as penedias, cortavam todo caminho, de fórma que, muitas vezes, tendo sahido para o arraial pela manhã, o velho á noite não podia voltar á casa.

E a filha lá ficava, sózinha, ouvindo, apenas, em torno, eterna, a voz solemne do mar, a bramir, a bramir, dentro da noite.

Noutros dias, ao verificar que a maré enchia, elle apressava-se em regressar á choça, quando já as ondas attingiam fraguedo. Todos, então, lhe abriam os olhos, mostravam-lhe o perigo a que se expunha: — "Olhe que o mar não é brinquedo seu Manuel!" — Elle, porém, em sua teimosia de velho, fazia um momo, resmungava: — "Ora, eu conheço o mar, e elle me conhece." — E seguia. Os outros davam de hombros, prenunciavam desgraças: — "Diabo de velho teimoso! Qualquer dia as ondas o levavam!"

E esse augurio nefasto foi crescendo, avultava já como uma sentença irrevogavel. Mais dias, menos dias, contavam já deixar de vel-o na praia certos de ter sido arrebatado pelo mar. Assim, quando elle tardava em apparecer no bairro, não faltava quem o procurasse, mirando, curiosamente, o trecho de terra onde o mar estourava, espumarando.

Afinal, e l l e surgia, apoiado ao cacete grosso, ia por todas as casas, dando um dedo de prosa a um e a outro, pedindo sempre "um vintenzinho p'r'o gas, um rabo de peixe p'r'a ceia," — ao que todos attendiam, pois os pescadores são generosos e f r a n c o s, francos e generosos como o mar millionario que lhes abre sem cessar o seio fecundo.

A' tarde, após correr todo o arraial, Manuel endireitava para a praia, quando aportavam as jangadas.

O crespusculo de ouro e sangue resplendorava ao poente. O mar glauco e agitado erguia ondas rugidoras, que rebentavam, num espumejo b r a n co e estrondoso. Pela redondeza, havia um tumulto arvoroçado, um grupo envolvia os pescadores desembarcados. Um delles, as roupas tintas de murici, vermelhas e grossas como talhadas em couro de capoeiro, o chapéo de palha sobre os olhos, apartava o peixe em lotes, conforme os "signaes" Em seguida o dizimeiro avaliava a carga, annotando cifras a lapis, num papel dobrado sobre a coxa. Meninos maltrapilhos e sujos andavam em roda, viramexendo, ás risotas. O velho Manuel, então, achegava-se difficilmente, pedia lamuriento: — "João, me dá um peixinho p'r'a janta..." — E, tomando nas mãos as biquáras ou os cangúlos que o outro lhe jogava, guardava tudo, pressuroso, no urú, num geito de avaro, a tossir um — "Deus lhe pague."

Emtanto, outras jangadas acostavam ainda, a vela panda e molhada, abicando ao sabor do vento. Chegavam assim, vencendo a onda empolada, a *Milagrosa*, de "seu" Lucio, a *Santa Maria*, do Raymundo Marinheiro, a *Flor do Mar*, do Gonçalo Alves, a do José Baptista, que tinha por emblema o sol. A pouca distancia da praia, um dos tripulantes saltava abaixo, com agua pelas coxas, puxava o barco por um cabo reteso, preso aos *caçadores*. A vaga investia furente, entrava pelo samburá fornido de peixes, alagava o bote, punha-o de lado sobre a areia, emquanto o homem, aos arrancos, auxiliado pelos outros, que impelliam o *paquete* pela pôpa, arrastava-o para o secco, onde então o empurravam sobre rolos, num poderoso esforço de musculos.

Por fim, a noite cahia rapidamente, quando o velho endireitava para a casa. O céo tomava agora um tom de perola, no occaso broslado ainda de ouro. O mar azulescia, opalescente, espalmava sempre na praia ondas escumeas. Longe, na cidade, defronte, brilhavam luzes. A alme-

Por Herman Lima

nara rubra do pharol, no outro lado, fulgia a intercadencias, riscando um listão de fogo nas vagas. De cócoras na areia, jangadeiros salgavam a pescaria. O rumor da gentalha esmorecia, aos poucos. Porcos fossavam a terra, á cata de guelras de peixe, abandonadas. E os casebres do logarejo, pequenos e baixos, cheios de luz, tinham um ar pinturesco de presepe.

Entretanto, corriam os mezes, correram os annos, a filha do pescador ia crescendo, fez-se moça, por fim, uma caboclinha linda a valer.

Sózinha, como vivia, naquelle deserto fulvo, sob amplos céos infinitos, ao pé do mar infinito, a vida passava para ella eternamente egual.

Cheia de seiva e desejos, era com odio que via os dias se arrastarem assim, sempre os mesmos, sempre mortos. Seu unico prazer era andar de corrida sobre as rochas da praia, em cabeção, os braços roliços de fóra, o collo trigueiro á vista, armando arapucas aos passaros pela aba do morro, perseguindo maçaricos á beira da agua, pescando siris entre as pedras.

De pé, ás vezes, sobre as dunas moveis, quedava-se, hirta, os braços cruzados sobre os seios rijos, o olhar perdido ao longe, na linha do horizonte, onde passava, lento, o perfil negro de um paquete, a golfar do bojo pennachos densos de fumo.

Outras vezes, eram as velas brancas das jangadas ou das barcaças costeiras, que a prendiam assim, horas sem conta, a miral-as, o sentido, alheio, a pervagar, além, — até que se apagassem na distancia, como asas de aves marinhas, que eram.

Que desejos de aventuras não lhe enchiam então a mente escandecida, — a sonhar, a sonhar com veleiros rapidos, que a levassem assim, docemente, por sobre a esteira verde do mar, por sob a chuva de ouro do sol, para as longes terras encantadas! Mas, em breve, bem via a triste inutilidade de seus desvaneios. Nada era mais do que uma pobre de Christo, perdida por este mundo. Então, atirava-se de bruços na areia, enterrava o rosto entre as mãos e desatava a chorar, de mansinho, como uma onda rasteira, que se espraia de leve, num queixume. Mas, de repente, esse pranto crescia, alteava-se e já espoucava em gemidos e brados dos de dôr, — furia viva de vagalhões ferventes e revoltos, que se desmancham do alto, em gonfalões de espuma estrondejante. Do mar, seu companheiro eterno, ha tantos annos, viera-lhe, certo, esse anseio de amplidão e desconhecido, essa revolta sem limites, essa angustia incomportavel.

O sol da praia, brunindo-lhe as carnes, dera-lhe ás faces um rosado vivaz de jambo maduro. A bocca sadia, acostumada a beber a largos sorvos o ar lavado e forte do oceano, tinha o rubor e a frescura de um cajú escarlate. Os cabellos negros, luzidios e fartos, desnastrados pelos ventos do largo, faziam uma juba de azeviche áquella ferazinha das dunas. A espuma das maretas morava-lhe dentro da bocca, na fieira de dentes magnificos. E os olhos de onix, esses, tinham o fulgor duro das refracções da lua, quando o plenilunio accende relampagos de prata na face torva dos penedos, ou dansa, atôa, perdido, no reverbero das vagas.

Quando ella nadava, afoitava-se como uma nereida, indo até muito além do ponto em que as ondas arrebentavam, a roncar. Não temia as traições do abysmo, — os tubarões famintos que navegam pela costa, as penedias submersas, os assomos das resacas, os remoinhos furiosos como maelstrons mortiferos. Seus braços rijos de ondina os não trocára pelos de qualquer marujo. E as pernas ageis, que seguiam de perto os siris ariscos, eram velozes como as dos maçaricos.

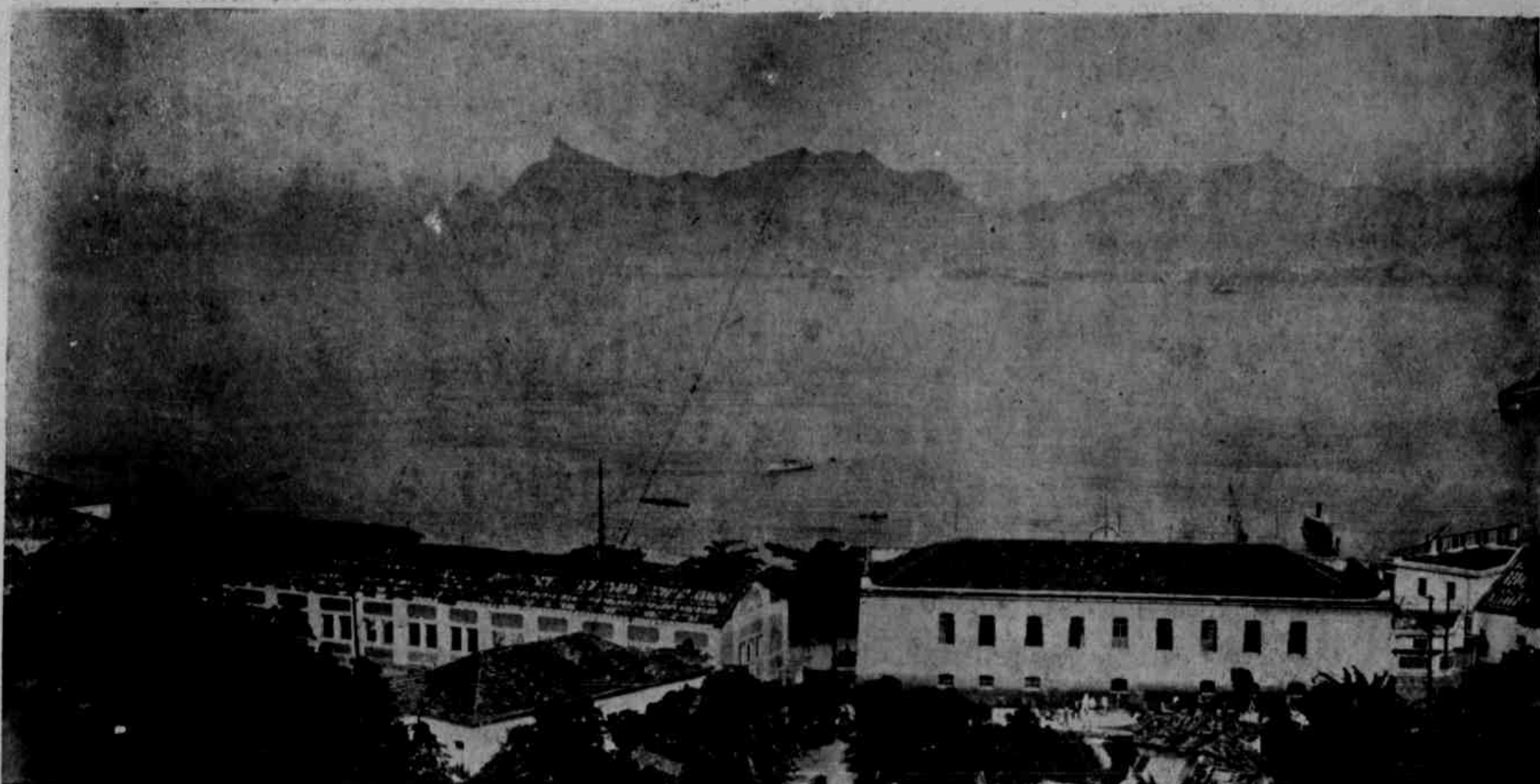
— Assim, açoitado pelos ventos livres, mordido pelo sol

(Termina no fim do numero)

A Ironia de Covarrubias

OVARRUBIAS é o cartaz amargo, a advertencia polida da Europa. Ironico, melancolico, prudente. Illstrador de thermas e *dancings*, copista diabolico de deuses e vagabundos, Covarrubias deslisa para a fortuna. Soube vencer a natureza, abandonando-a, e soube se afastar da sociedade humana, revolvendo, com o seu lapis agil e a sua fina sabedoria, o que ha de inglorio e desinteressante no fundo mesmo do nosso espirito. Esse pagão, sahido de harmonias celestiaes, trouxe a missão voltaireana de revelar o mundo atravez um traço delicado e rapido. Covarrubias conhece o sorriso das multidões. E sabe que desappareceu do seculo dos ions milagrosos aquelle leite da bondade humana, constructor de rythmos e cathedraes, sons e claridades, livros e jardins. Como os poetas são expressões das raças, os illustradores são as antennas das grandes cidades. Uma galeria de Covarrubias é uma clinica de nervosos. Ha physionomias que pedem cerros azues, aguas tranquillas, doçuras agrarias. Outras vivem do movimento, nutrem-se da vertigem. A ironia de Covarrubias accende todos os traços latinos: a graça, a paixão, a galanteria, attingindo algumas vezes a ingenuidade. Os doentes do artificio, os potentados imaginarios, os ridiculos, as aventureiras internacionaes, são os clientes doceis desse *privat-docent* de bons costumes.

Gentil-homem moderno, Covarrubias é o illustrador dessas attitudes.

Por BEZERRA DE FREITAS

Armação

Directoria do Armamento Naval, na ponta da Armação em Nictheroy, onde se deu, no ultimo dia de Abril, uma explosão horrivel. Muitos operarios morreram. Muitos ficaram gravemente feridos.

O Chefe do Governo Provisorio e a Senhora Getulio Vargas, no Arsenal de Marinha, á sahida do enterro das victimas.

Destroços no interior de uma officina — Autoridades da Marinha no local — Parte exterior de um dos predios

Em cima:

durante a Festa das Hortencias, no Vesper Club, de Santos, dirigido por nove moças queridissimas daquella cidade. A presidente é a senhorita Maria de Freitas Guimarães.

No meio:

no "studio" da Cinédia quando estiveram ali em visita os senhores Medeiros e Albuquerque e Mario Behring. Recebeu-os Adhemar Gonzaga, com Octavio Mendes Humberto Mauro e Paulo Morano.

■

Os directores da Associação Brasileira de Imprensa offereceram ao seu presidente, Dr. Barbosa Lima Sobrinho um almoço de despedida por terem renunciado o mandato em virtude da fusão das tres associações de imprensa. Ahi estão o Dr. Barbosa Lima Sobrinho, e os directores Oswaldo de Souza e Silva, Borja Reis, Martins Alonso e Carlos Dias Fernandes.

■

O pianista Arthur Rubinstein que vem tomar parte na serie de Concertos Piergile no Theatro Municipal.

O escriptor Adonias Lima, que acaba de publicar um excellente livro, bem actual: "A Victoria do Feminismo".

Duas mulheres, um homem e 4 cachorros

Baroneza de Robert Snoy com "Baska"

Lady Margaret Drummond-Hay com "Wylie of Winwarwick."

Maurice Chevalier com o seus grandes amigos

A imaginação

— FRITZ —

(Desenho de Fandre)

NINGUÈM póde explicar a alma das raças, pois tudo é mysterioso e incerto na psychologia das collectividades.

Mas, ainda assim, póde-se perceber que em cada povo ha um traço caracteristico que, embora enigmatico, é persistente, vem do passado e será o mesmo no futuro, atravez das peregrinações do sangue e do espirito. O povo romano, apesar de tudo que absorveu e assimilou, apesar da sua avassalladora expansão no mundo, não perdeu jamais aquella expressão primitiva do egoismo, que permanece como o segredo da sua civilisação. No povo inglez o traço caracteristico é a energia, que de individual se tornou collectiva, a energia de Robinson Crusoé que, pertinaz, indomavel, fez a conquista da terra.

O traço definitivo da civilisação franceza é a intelligencia, que determina a razão, a ordem, a clareza e o gosto. Na Italia seria o sensualismo, do qual nasceu a exaltação artistica, a politica realista, a Renascença e o Estado. A Allemanha é possuida desse entranhado espirito metaphysico que se manifesta no pensamento, na abstracção e até na disciplina. As almas extaticas de Santa-Thereza e de Don Quixote, a ingenuidade de Sancho Pansa são expressões da fé transfigurada e mortal, em que se consumiu a Hespanha.

No Brasil o traço caracteristico collectivo é a imaginação. Não é faculdade de idealisar, nem a creação da vida pela expressão esthetica, nem o predominio do pensamento; é antes a illusão que vem da representação do Universo, o estado de magia, em que a realidade se esvae e se transforma em imagem.

As raizes longinquas dessa imaginação ahacm-se na alma das raças differentes, que se encontraram no prodigio da natureza tropical. Cada povo ahi trouxe a sua melancolia. Cada homem carregou no seu espirito o terror de varios deuses, a angustia das lembranças do passado perdido para sempre, e se encheu da indefinivel iqnuietação na terra extranha. Assim desabrochou essa sensibilidade implacavel, que engrandece e deforma as cousas, que exalta e deprime o espirito, que traduz as ancias e os desejos, fonte turva de poesia e religião, por onde aspiramos a posse do Infinito, para logo nos perdermos no nirvana da inacção e do sonho.

Os nossos antepassados europeus foram os portuguezes, e de todas as nações latinas Portugal é a mais indefinivel. Não ha um conceito capaz de exprimir o singular contraste de toda a alma portugueza, que oscilla incertamente entre o sentimento realista e a miragem. Os lusos foram talvez os mais bisonhos dos barbaros latinos. Jamais attingiram á claridade do gaulez, nem ao mysticismo agudo do ibero, nem áquella explosão de animalidade sobrenatural, que é o fundo da sensibilidade esthetica italiana. A original espessura os prendeu á terra e formou-lhes o espirito realista. A alma lhes foi humilde; ligaram-se estreitamente ás cousas, trabalharam e amaram o sólo; e quando lhes chegou o instantes da arte, não tiveram a força de crear, de dar ao mundo uma sensibilidade nova, deram fórma, e tornaram-se os executores perfeitos das idéas de outros.

E' singular que tão intenso realismo floresça ao lado de uma grande tristeza. Roma transmittiu ao espirito latino uma melancolia, que os gregos não conheceram. Ou fosse pela sua dilatação no mundo, pelo proprio fremito da subjugação dos outros povos, ou fosse pela confluencia de tantas raças, de tantos deuses extranhos, ou fosse pela consciencia do formidavel peso de um destino ainda não egualado, é certo que no solido e immenso edificio de egoismo romano a argamassa foi humedecida pelas mysteriosas lagrimas das cousas, e a infinita solidão dos espiritos se encheu do pavor da noite eterna... Eterna Nox!

A essa melancolia antiga juntou-se na alma dos portuguezes a que lhes deu o oceano. O mar lhes foi uma terrivel tentação. Por elle attingiram ao maximo da energia nacional e por elle se perderam para sempre... Espalharam-se pelo mundo, tiverám fama e gloria, e soldados broncos e marinheiros rudes um dia se partiram das suas praias, não mais tornaram, desappareceram no infinito dos mares... e nos olhos, doces e tristes, das mulheres portuguezas vê-se ainda a saudade das caravellas.

Os outros primitivos povoadores do solo brasileiro foram os africanos, que os portuguezes ahi trouxeram para com elles vencer a natureza aspera e inquietadora. O espirito do negro, rudimentar e informe, como que permanece em perpetua infantilidade. A bruma de uma eterna illusão o envolve, e o prodigioso dom de mentir é a manifestação dessa falsa representação das cousas, da allucinação, que vêm do espectaculo do mundo, do eterno espanto deante do mysterio. A mentira engana o medo, e inventar, imaginar é uma voluptuosidade para esses espiritos grosseiros, fracos e apavorados.

A outra raça selvagem, a raça indigena da terra americana, que é um dos elementos

Graça

BRASILEIRA

barbaros dessa civilisação, transmittiu aos descendentes aquelle pavor que está no inicio das relações do homem e do universo. E' a metaphysica do terror, que gera na consciencia a illusão representativa das cousas e enche de phantasmas, de imagens, o espaço entre o espirito humano e a natureza.

A natureza é uma prodigiosa magia. E no Brasil ella mantém nas almas um perpetuo estado de deslumbramento e de extase. E' a eterna feiticeira. Tudo é um infinito e esmagador espectaculo, e os personagens do drama do sortilegio são a luz que dá o ouro aos semblantes das cousas, as fórmas extravagantes, as côres que assombram, o mar immenso, os rios volumosos, as planicies cheias da melancolia do deserto, a floresta invasora, tenaz, as arvores sussurrantes, castigadas pelos ventos allucinados...

E o espirito do homem desvaira... Elle não se sente em communhão com a natureza. A imaginação faz surgir uma mythologia selvagem, que floresce em seres phantasticos, deuses e lendas. Ha um grande enigma no prestigio da natureza sobre o homem, e quasi sempre esse é a imagem espiritual do meio physico em que se formou e viveu despercebido. Se elle é um homem do mar, é como um rochedo meditabundo, calado. Se é um camponez, a sua intima representação é a da arvore, immovel, silente, fecundo. Se é um mineiro, participa da essencia mysteriosa da terra. No Brasil, o espirito do homem rude, que é o mais significativo, é a passagem moral, o reflexo da esplendida e desordenada matta tropical. Ha nelle uma floresta de mythos. São lendas de todas as partes que ahi se encontram, lendas do Mediterraneo harmonioso, da incerta Islandia, dos steppes, das humidas noruegas, do Oriente inverosimil, deformadas em longas peregrinações e entrelaçadas ás lendas toscas, grosseiras, vindas na invasão negra, e áquellas que nascem nas selvas americanas, mythos physicos da natureza, formando um só e intricado todo, mysterioso e extravagante, que é a alma do homem brasileiro. E para esta os persongens fabulosos têm uma vida real, são tangiveis e activos, sejam as bellas e enigmaticas mães d'agua ou os errantes tenebrosos curupiras. E o objectivismo mythologico é tão intenso nos espiritos ainda primitivos que não se póde precisar onde começa para elles a realidade objectiva e onde acaba o sonho na floresta dos mythos.

— LULA —

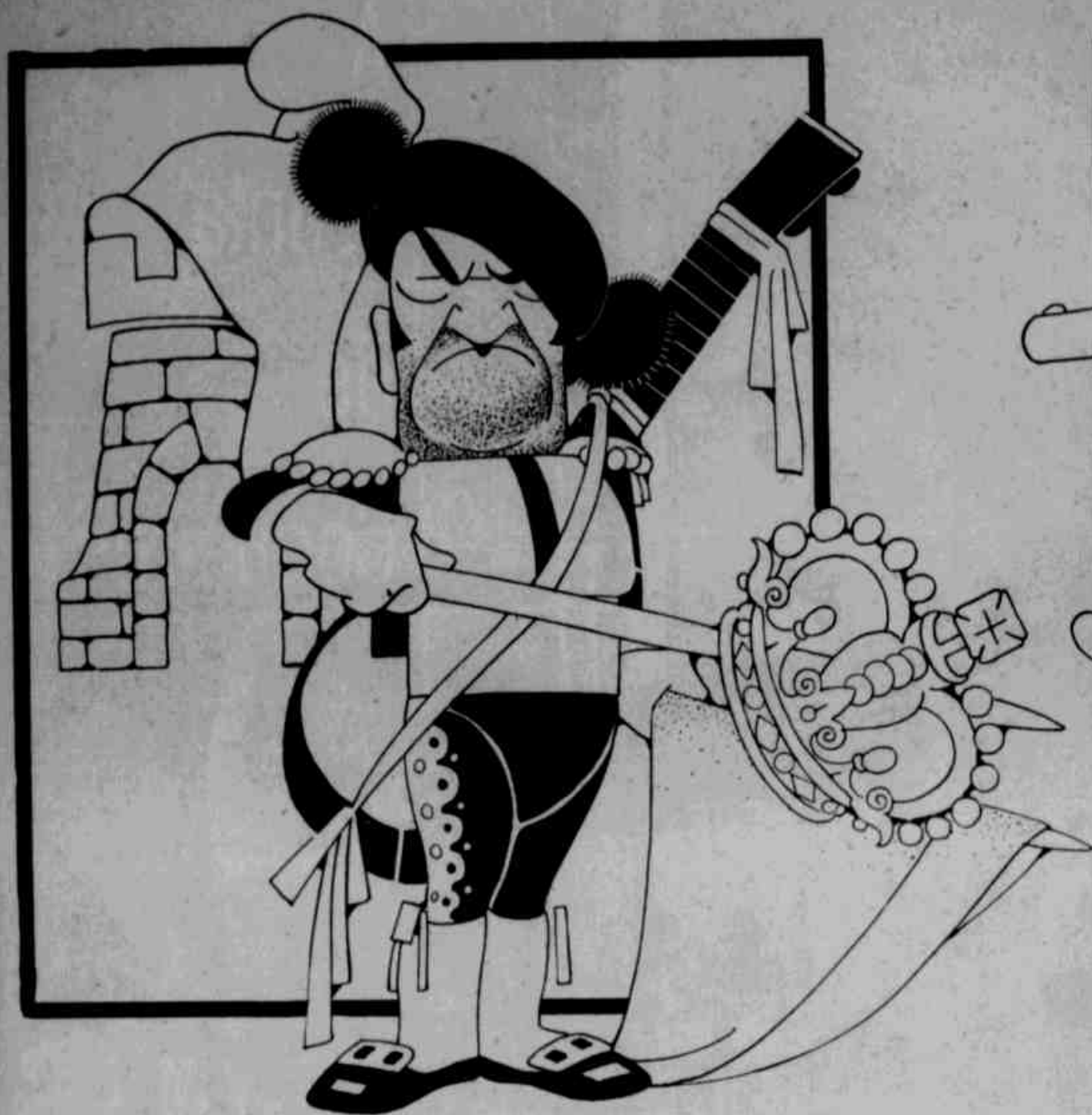
(Desenho de Fandre)

A historia social do Brasil é a historia dessa imaginação. Durante dois secules a grande fascinação foi a do ouro. Desenrolou-se em plena natureza o drama de uma ardente e esfalfada cubiça. O paiz foi todo varado, as mattas devastadas, as montanhas desvendadas e estripadas, os campos fendidos, e as feridas da terra, retalhada e escavada para dar a pepita de ouro, se encheram de sangue humano, e o homem cresceu em energia, e o seu poder diabolico de destruir foi uma allucinação... Mas dessa furia foi nascendo a civilisação, amassada no sangue e na lama sobre a Terra maravilhosa. O ouro foi a miragem, depois o poder, a força, a primeira revelação brasileira ao mundo cupido e deslumbrado. Foi o ponto de partida de outras miragens, e tudo dahi em deante é uma illusão dourada para o mesmo homem, que antes era subjugado e agora se torna destemido, se colloca em desafio deante da natureza bruta e vae por arrancos devastando e creando. A grande adversaria pode opporlhe a tenacidade e a astucia de uma defesa sem egual em toda a historia da civilisação. Elle a combate encarniçadamente, conhece-lhe os segredos, defende-se das suas insidias, e pelo ferro e pelo fogo doma-a, faz della a sua serva, ordena-lhe que o alimenta, enriqueça e encante. Foi uma submissão, mas não o apaziguamento: a luta se mantém sempre imminente, o homem está em desafio e a natureza em ameaça. A vida é uma perpetua luta, uma ancia insaciavel de descobrimentos continuos, um infatigavel movimento de conquista, a marcha para o interior do paiz, uma vaga inquietação, uma instabilidade perturbadora, nessas immigrações incessantes das proprias gentes da terra, que errantes vão para além á busca da riqueza, n'uma corrida acceierada para a morte, as espreita nas florestas traçoeiras e nas perfidas aguas dos rios sinistros. Que importa? Outros homens virão para o triumpho, fascinados, ardentes e ávidos, — perpetuos escravos da imaginação...

Mas, por um capricho commum do sentimento, essa propria Terra, que o brasileiro combate e martyrisa, se lhe torna objecto de veneração e amor. Ha uma fatalidade no temperamento da raça para a exaltação. O prestigio da grandeza do territorio enleva e envaidece o brasileiro. Elle sente-se o homem de uma grande terra e sabe que essa terra é bella. E nessa seducção, nessa dominação da natureza, está a fonte do providencialismo, que exerce no espirito brasileiro a faculdade motora da sua actividade e tambem de um doce descuido. O brasileiro imagina que tão maravilhosa ter-

Aranha

(Termina no fim do numero).

Revoluções — Resoluções

— Agora eu vou mudar minha conducta.

Eu vou p'ra luta porque eu quero me aprumar.

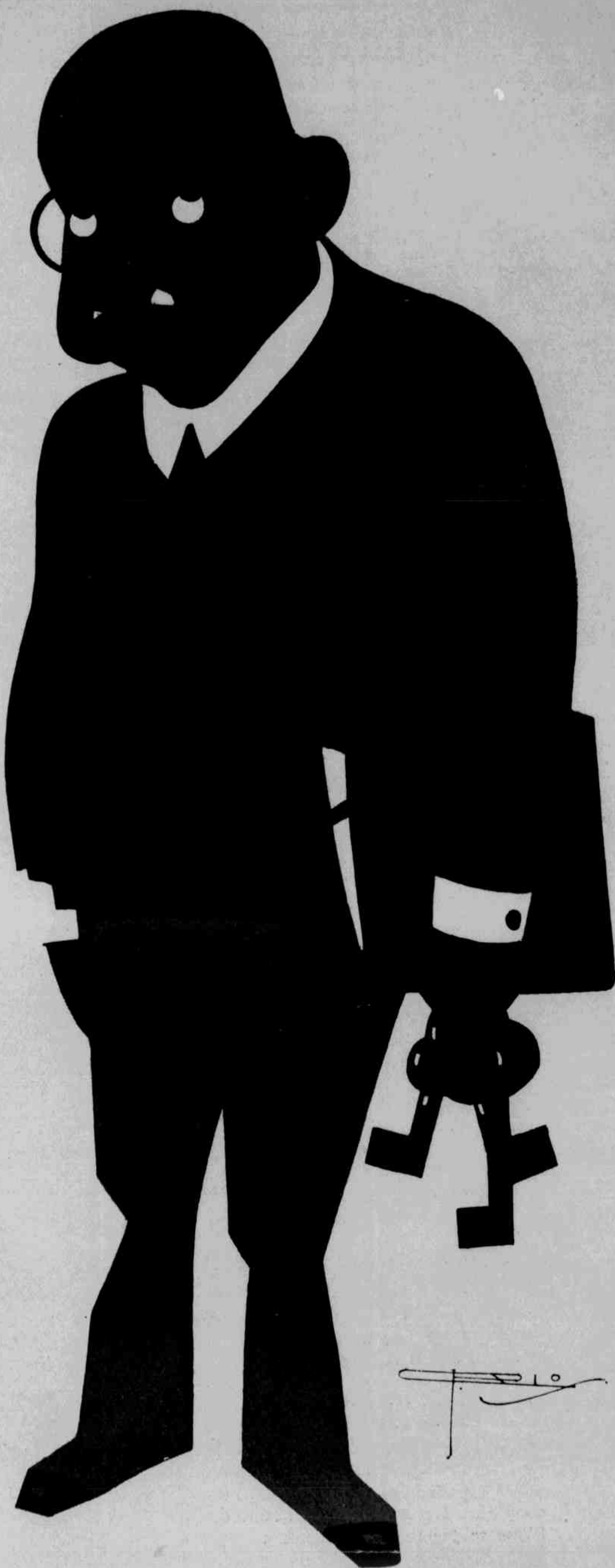
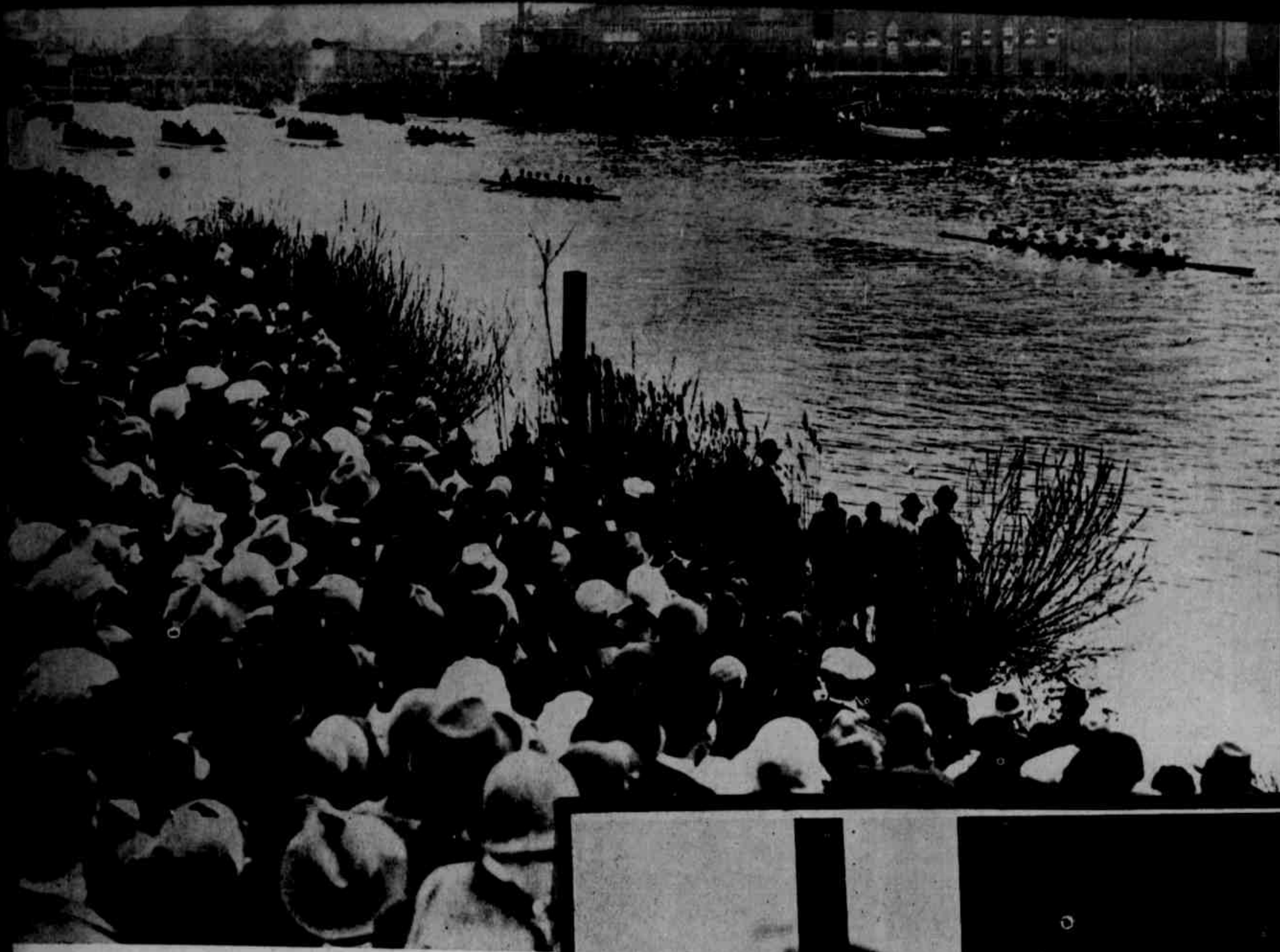
— Vou tratar você co'a força bruta.

— P'ra podê mi rehabilitá...

José Maria Whitaker

O thesoureiro do club. Tem tido um trabalho! Quando tomou conta do cargo, quiz pôr a escripta em ordem. A escripta reagiu. Estava tão mal acostumada! Quiz sommal-a, multiplicá-la. Não foi possivel. Ella era sempre subtrahida e dividida. Nasceu assim, cresceu assim. Um pouco velha agóra para receber educação ao contrario, termina dando cabo de José Maria Whitaker como os outros davam cabo della. José Maria Whitaker súa, cansa-se, desanima. Appéla para as providencias. Providencias humanas... Não adiantam. Trate de arranjar a Providencia divina. Agarre-se com Deus. Deus é o unico brasileiro capaz de fazer milagres.

ALVARO MOREYRA

Desenho
de
J. Carlos

LONDRES, Abril — Um aspecto geral da multidão assistindo á grande regata universitaria entre as Universidades de Oxford e Cambridge em Mortlake. Cambridge venceu por varias distancias. E, a oitava victoria successiva de Cambridge.

Da terra dos outros

Parece um homem que vae preso. Mas é Charlie Chaplin chegando a Paris.

LONDRES, ...
Duff Coope...
ca de seu n...
pelo Partid...
"compras d...
e distribue...
adquirir...

AINTREE (Inglaterra), Abril, — Esta photographia, que foi transmittida para Londres de avião, e pelo radio para Nova York, representa o final sensacional do Grand National Steeplechase, — a corrida mais importante do mundo inteiro em que Grakle, o vencedor, consegue adiantar-se de dois corpos ao seu rival. Grakle fez a corrida de 4 ½ milhas em um novo record de tempo de 9 minutos e 34 segundos. Mais de 200.000 libras se jogaram sobre Grakle.

(INTERNATIONAL NEWS PHOTOS)

ES, Abril — Lady Diana Cooper, esposa de Mr. ooper, bate-se ardentemente pela campanha politi- eu marido, que é candidato á Camara dos Communs rtido Conservador. Ella participa da campanha de as dos productos inglezes" instaurada pelo marido, bue estatuetas caracteristicas incitando o povo a uirir sómente artigos fabricados na Inglaterra.

PARIS, Abril — Pouco antes do momento historico da abdicação, o Rei Affonso XIII demorou-se alguns dias em Paris, onde visitou o Presidente Doumergue no Palacio dos Campos Elyseos. Depois percorreu alguns quarteis, escolas e museus. Aqui vemos o ex-soberano hespanhol, acompanhado do General Lasson, Chefe da Casa Militar do Presidente Doumergue, passando em revista a guarda do Palacio dos Campos Elyseos.

LONDRES, Abril — A Rainha Mary da Inglaterra sendo recebida pelo prefeito de Westminster (uma das municipalidades que acabam de ser incluidas no formidavel perimetro da Greater London), ao chegar ao quartel-general das escoteiras da Inglaterra sito na estrada de Buckhingham Palace. O prefeito usa o collar que indica o seu elevado cargo.

S. PAULO

Artistas e escriptores que ouviram a leitura do novo livro da poetisa Lyse Schloenbach Blumencheir: "Jornada Sentimental".

Operarias catholicas sahindo da communhão na igreja da Consolação.

S. PAULO

Como se fosse um poema

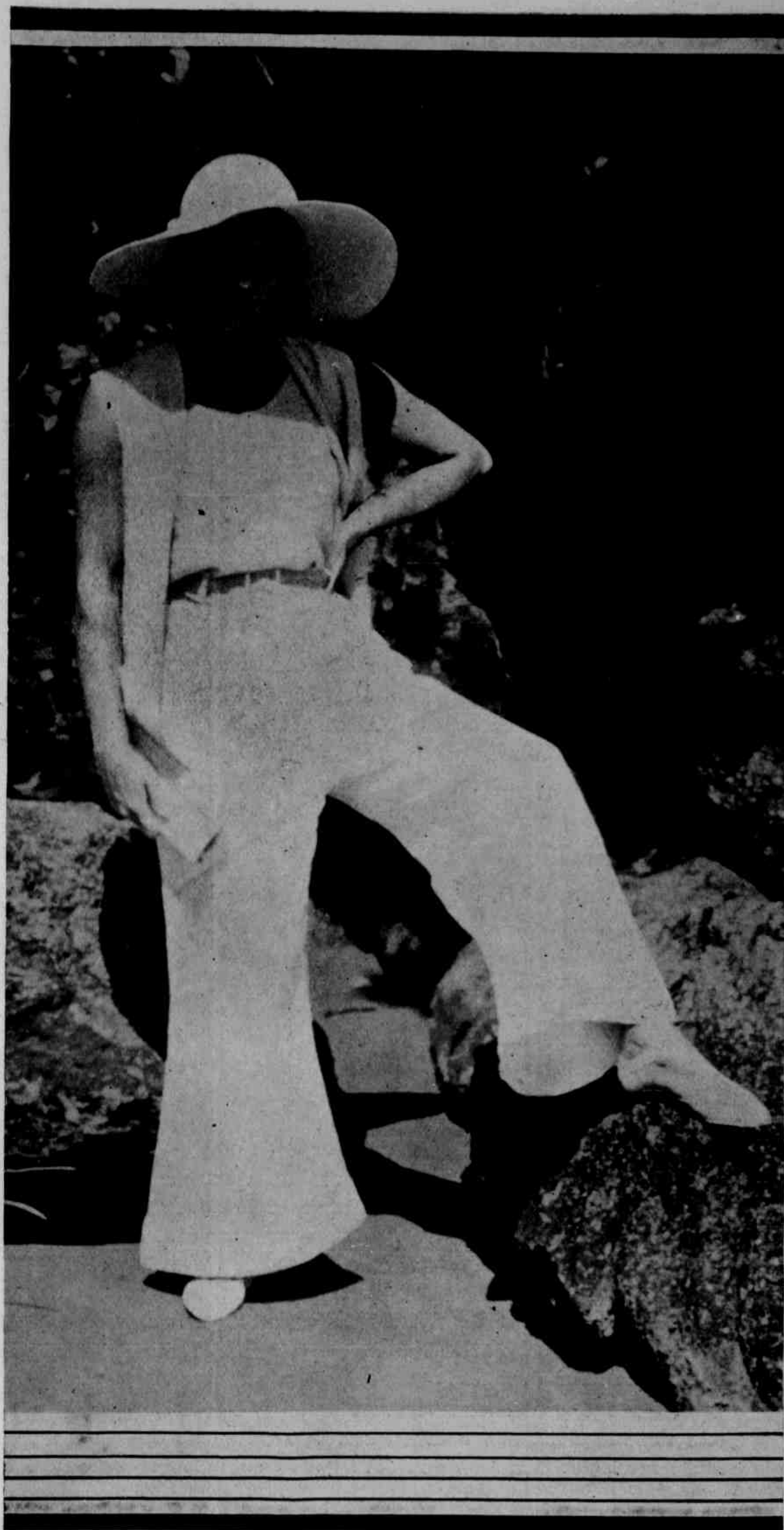
FECHA este frasco, onde a essencia de um perfume longinquo exhala todas as lembranças que acariciaram nosso passado!...

Quando teu pensamento voar por longe como uma mariposa estonteada, eu virei na essencia subtil deste perfume, tecerei longos meneios nas recordações que se evaporaram, e serei a essencia espiritual do nosso amor bailando no perfume e no silencio...

NO lago de aguas tranquillas que o silencio embala, minha voz risca a quietação e corre como uma serpente que escrespasse as aguas e se insinuass no ar...

Quando o vento vier, e minha sombra tombar, como uma mancha na areia, e meus cabellos dansarem a symphonia nostalgica da tarde, e meus dedos se alongarem como mastros brancos, meus labios se estenderão para o lago, e meu beijo viverá no bojo tranquillo das aguas...

Quando teu barco deslisar, como uma flor exquisita de largas petalas brancas, eu falarei pela bocca do silencio, e meus beijos subirão á tona d'agua, e boiarão lentamente ao alcance de tuas mãos...

A cithara onde pousam tuas aladas melodias guarda a impressão de todas as tuas paizagens interiores, as extranhas paizagens de tu'alma...

A elegancia de S. Paulo em Guarujá
Dona Noemia Alvares Rubeão com o seu lindo pyjama de praia

Quando tocas, tuas emoções deslisam sobre as notas, e teus anseios ficam inquietos entre as cordas...

E eu me deixo a pensar que sou um fragmento de som que ficou parado entre teus dedos...

IDA SOUTO UCHOA

Um grande interprete da paysagem brasileira

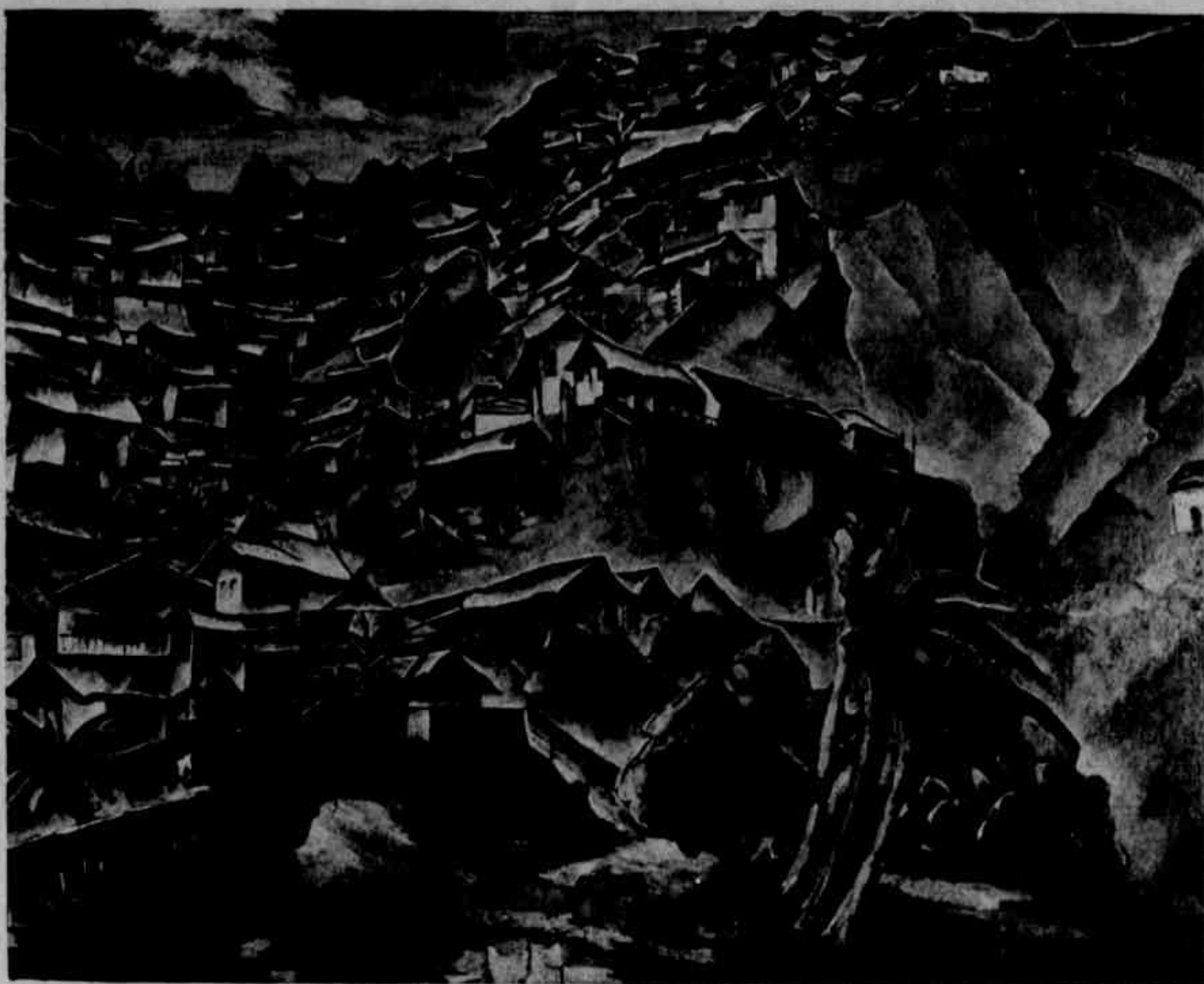
Frederico Maron é premio de Roma da Academia de Bellas-Artes de Berlim.

Em outros paizes, na França, por exemplo, premio de Roma significa quasi sempre o mais sordido conformismo com os canones academicos e a sensibilidade burgueza. Na Allemanha o caso é outro, e Frederico Maron dá bem o exemplo de que a mais solida cultura tradicional, quando intelligentemente orientada, pode e deve conduzir a novas formas em harmoniosa concordancia com o espirito da época. Sahido da Academia com a segurança de um mestre em desenho e composição, Frederico Maron, longe de se immobilizar no pastichismo do passado, foi sempre um pesquisador de soluções renovadoras.

Não se pode dizer como teria evoluido a sua arte, se o pintor houvesse continuado a viver na Europa. Transplantado ao Brasil ella soffreu ao primeiro contacto esse como que **knock-down** que a nossa natureza costuma infligir aos coloristas dos climas frios ou temperados. O Dr. P. Eckhardt analysou de maneira succinta mas justa essa desnorteadora impressão dos pintores europeus em face da exuberancia de formas e bruteza cruel de luz da paysagem tropical: "As difficuldades não estão na invenção, e sim na ordenação das impressões, na sua apprehensão e concepção. Os elementos de que se constroe e vive a paysagem na Europa são aqui de outra sorte. De modo que o pintor europeu tem que aprender segunda vez a ver e a pintar, o que quer dizer, tem que organizar e construir novamente todas as relações, todas as harmonias das côres e das formas". Não citei textualmente para encurtar.

Quando o artista tem força bastante para dominar esse tumulto emocional, a experiencia vale pela mais fecunda revelação. Não é só esse novo mundo que elle descobre. Descobrirá, se é realmente bem dotado, a si proprio e com uma liberdade que não terá na Europa.

Foi o que succedeu com Frederico Maron.

A sua pintura já passou no Brasil por tres phases. A primeira (paysagens do Paraná) foi a que acima chamei de **knock-down**. O artista, desnorteado, procura, tacteia, ainda não esqueceu a Europa, é **possuido e não possue.** Mas attenção: a "Queda d'agua na floresta" já indica um começo da reacção viril, que se affirmará victoriosa nas "Paysagens de Paquetá" e sobretudo nos casarios dos morros cariocas. Segunda phase. O artista sente que dominou a materia tropical e como que desperdiça força pelo prazer de sentir a propria força. Mas eis a terceira phase, que mal começa, em que o pintor domina não só a materia, mas tambem a si proprio: vigor tranquillo, equilibrio de maturidade satisfeita: as cores exacerbadas dos crepusculos violentos de verão attenuam-se em claridades mais quotidianas.

Duas Favellas pintadas por Frederico Maron

Hoje pode-se dizer, desde já, que Frederico Maron contará entre os grandes interpretes da paysagem brasileira.

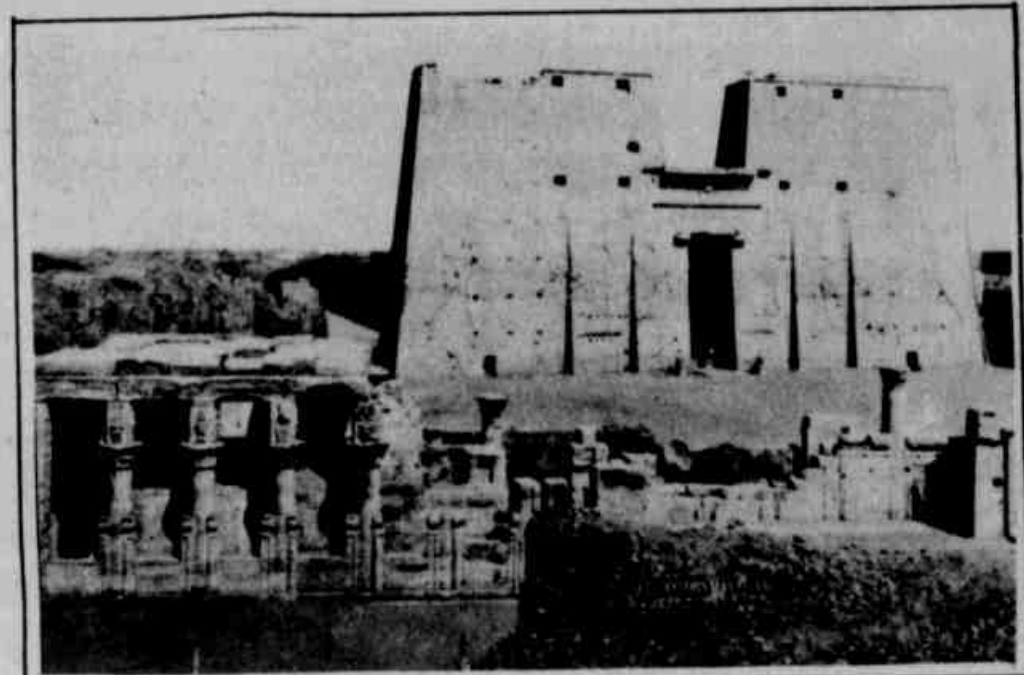
MANUEL BANDEIRA

ESTATUA
DE
RAMSÉS II

EGYPTO

PAREDE
DE
DENDERAH

NO
CENTRO
UM
VENDEDOR
AMBULANTE

*(Photos
Emma
Schubrow)*

TEMPLO
EM
LUXOR

TEMPLO
EM
EDFOU

ARABES E BISHARINAS

ESTATUAS
DE THOTMES III

*Typos
de populações*

ESTATUAS
DE RAMSÉS II

A FESTA

(Conclusão do

predios já na unha, herança da mãe. Depois, o pae está escangalhado, qualquer dia bate a bota e ahi então é que o grosso vem. Cheguei-me mais p'ra perto, olhando-a de certo geito e foi dito e feito. O anzol estava nagua e o peixe sem difficuldade ia mordendo a isca. Fui com a diplomacia de quem não quer a cousa, me approximando, mas o caustico do velho, de testa enrugada e nariz torcido, foi tocando a filha p'ra frente, dando-me uma baixa de 50% no enthusiasmo...

— Precalços da profissão. Não desanimes. Quem não insiste não vence.

Nisto, de um rancho de elegantes senhorinhas que passava, uma, — linda copia de morena, — lançou-lhe carinhoso olhar, floreando nos labios um provocante sorriso.

— Então? Atira-te.

— Está fóra de combate. De belleza não se vive. Arranje o que lhe falta, que administrador apto está aqui e prompto para tomar-lhe conta dos haveres...

*
* *

Agora, olhos acima e vamos gozar um pouco a tagarelice do leiloeiro. Está a desenrolar as facecias do vasto repertorio. Eil-o que vae, volta, torna a ir e a voltar, mettendo á bulha uma boneca de massa com olhos de feijão frade:

— Meus senhores, aqui temos uma representante do sexo que nos vira a cabeça quando quer e nos desengonça o juizo a seu bel prazer. Não olhem para a face... Está um pouco crescida mas isso é bagatella — talvez um queixal que qualquer dentista faz desinchar, pondo a raiz ao sol... Vamos, sem demora, quanto me offerecem para principiar?...

— Mil réis.

Nossa Senhora da Usura! Por tal preço só sendo sogra enviada pelo genro. Reparem: — esta é virgem, nova, fresca e fôfa. E' para ser comida e não come nada. Reune as vantagens todas: — dá substancia e não dá despesas. Uma mulher que não tem lingua, não tem luxos, não pisa em bailes nem sabe se ha cinemas, é uma avis rara, digna de ser adquirida a peso de ouro...

— Arremata, Serafim, arremata que estou com a barriga a dar horas de fraqueza — diz, a cotucar no seu esteio, uma adiposa senhora, que pela elegancia faz lembrar uma abobora menina...

O esteio, curvando-se para o pesado fardo, aconselha-o com raciocinio financeiro:

— Não pense nisso, Currúca. E's tão asseiada e limpa e não tens escrupulo de mandar p'ra dentro uma cousa que não sabes si foi feita com ovos frescos e mãos lavadas? Deixa a barriga roncar... isso é trovoada que ligueiro passa...

*
* *

Mais um instantaneo vem metter-se nos meus olhos avidos de novidades. Outro academico, — a classe é numerosa e fornece assumpto á farta. Este — terceiro anno, bôas notas e bôa familia. Enluvado, brunido, largo chapéo e sobretudo alvadio — talhado a primor. Interrogando áquella com quem está a compor um madrigal de sentimental ternura:

— Permitte que lhe offereça uma camelia?

A donzella, — "bijou adorabilissimo," de irressistivel seducção, — baixando seraphicamente os olhos buliçosos e namoradores, com fingida innocencia, e estudada faceirice:

— Posso acceitar, mamãe?

A interpellada, — abelha mestra, viuva de militar reformado, que já tinha ido á fonte limpa e de lá trouxera salutares informações, que a habilitaram a ficar sabendo que o rapaz presentemente era só bem nascido, mas futuramente um negocio de não olhar p'ra traz,— respondeu sem hesitar:

— Que é que tem? Peccados são outras cousas. Se nisso faz gosto o senhor doutor, acceita, Nházinha, acceita. Teu pae tambem me deu algumas, nesta mesma praça, no tempo em que eu era como tu és, e tinha a edade que hoje tens.

Agradece radiante, numa curvatura amavel e, dirigindo-se para um dos ópas vermelhas, pede-lhe com desempenada arrogancia:

— Traga uma camelia.

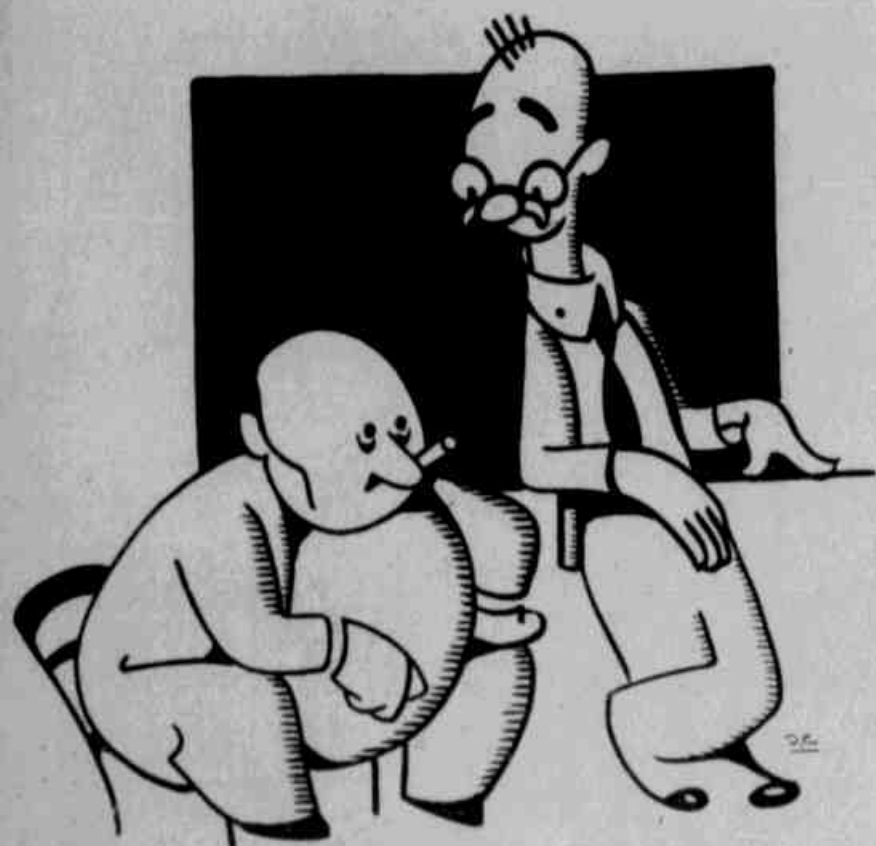
— E' para já.

E sem demora volta o pregoeiro:

— Aqui temos o symbolo da sympathia. Namorados que me ouvis, — olhos attentos e não deixeis escapar o momento que se apresenta para podedes patentear vossos sentimentos. Esta nivea flôr, — que não tem perfume mas tem feitiços, — na sua muda linguagem irá por ás claras o que estaes alongando pela timidez que não vos deixa abrir a bocca. A obsequiada ao recebel-a, — não precisa mais nada, — fica por completo inteirada que o offertante está com a cabeça fóra do lugar e o juizo a juros, pelos seus encantos!... Vamos, mocidade de bom gosto e galanteadores velhotes que ainda conservaes repiques no coração, vamos: — um generoso lance, para o mensageira do amor... Do amor... esse philtro que embriaga a quem não bebe e dá calor a quem tem frio...

O rapaz do offerecimento:

— Dois mil réis.

E com os olhos que Deus lhe deu, lança um furtivo olhar para a predilecta e um sorriso envaidecido para o povo.

VIDA APERTADA

— Não posso mais! Dentro de poucos dias fecharei a minha sapataria! Hontem só appareceu um freguez: O visconde de Moraes.

— E então?!

— Levou um par de sapatos velhos para por meia-sola.

A poetisa portugueza Maria d'Assumpção Silva, entre patricios e amigos, na sua despedida a bordo do "Quanzer".

DO DIVINO

numero passado)

— Tres, — grita mais adeante um outro que está nos mesmos lencóes...

— Tres e quinhentos.

- Quatro.

Quatro e quinhentos, — torna elle, rindo por fóra, mas com a contrariedade e beliscal-o por dentro.

— Cinco mil réis.

— Seis.

— Seis e quinhentos.

— Sete.

— Dez mil réis, — berra o do sobretudo alvadio, com toda a força dos pulmões, achando que vae fazer asneira e tomar espiga.

— Quinze mil réis.

— Faz-se silencio. O momento é solemne. A mãe olha para a filha, a filha para elle e ella retem a respiração, olhando para o leiloeiro, que continua:

— Quinze mil réis. Quinze mil réis. Ninguem mais dá? Então, cavalheiro, affrouxou? Mais uma scentelha de enthusiasmo, mais um sopro de calor.

— Quinze mil... e cem, — gagueja, com um nó na garganta e pruridos na pelle, fazendo das fraquezas... força!

— Dezoito mil réis.

— Vinte, — balbucia o misero, apavorado, frenetico, apegando-se a todos os santos para que tal symbolo destronque a haste e solte as petalas, afim de vir outra á baila.

— Vinte ,vinte mil réis. Vou entregar a seu dono... uma... duas...

E o estudante em apuros, em sobresaltos, com calafrios na espinha e nervos contrahidos, — dando com os olhos num conhecido:

— Deixa-me ver cinco mil réis.

A resposta não demorou:

— Estou em galopante do sexto gráo!

Atacando um collega que vae passando:

— Passa-me cinco mil réis.

Este parou e, sacudindo o bolso numa tirada dramatica:

— Da mortandade... só dois nickeis escaparam...

E elle, em brasas, em colicas, — naufrago do desespero — agarrando-se á primeira taboa de salvação que se lhe deparou na frente. A taboa era o braço de um sujeito de bôas carnes e máos bófes:

— Meu caro senhor, empreste-me cinco mil réis que lhe restituo sem demora. E' um aperto que não me deixa esperar.

E o outro, com brutalidade azeda, abotoando o casaco:

— **Bocê** está doido? **Bá** desapertar-se **noitra** parte que eu cá nunca o **bi** mais gordo...

E a tudo isto, o procurador do Divino, a fazer a cousa render:

— E dou-lhe uma... e dou-lhe duas... e dou-lhe tres... e esta que vae a seu dono.

Relampejou-lhe uma idéa no cerebro: abeirou-se do barracão e de nariz no ar e voz discreta, sussurrou em estylo telegramma:

— Faltam cinco. Vou buscal-os. Volto já.

E o parlador leiloeiro, entregando-lhe a flôr numa mistura de ironia e condescendencia amavel:

— Vá lá, mas olhe que não é direito vir a festa com finanças a meio páo. Aqui a regra é tome lá, de cá...

Uma franca gargalhada explodiu, gargalhada tão escandalosa e communicativa, que em casquinadas de riso se foi alastrando pelas boccas presentes.

Desorientado, com a colera a ferver, mas sem coragem de a despeitorar, com as orelhas em fogo e as faces vermelhas de authentica vergonha, enveredou em procura do vis-avis... Era uma vez: ella e o prélo que lhe dera a luz — tinham-se evaporado.

Cada vez mais enfiado, sem atinar o que fazer da prenda que trazia espetada na mão, — metteu hombros, e a machucar pés e a esborrachar callos, — com o coração partido e a alma em pedaços — foi aos encontrões, avançando, até que se sumiu de todo. E até agora — que nos conste — nem Nhàzinha nem ninguem lhe pôz mais o olho em cima!...

* * *

Grande borborinho...

São os esguichos dos foguetes que estão a subir, chorando na escuridão do espaço as lagrimas de fogo, annunciando a ultima sessão cinematographica.

Agitam-se todos e vou tambem na agitação. Deus me livre perder a fita, que segundo dizem, é do genero **Grand-guignol.** Tragedia de sangue e crime: — um degenerado estrangula a avó, rouba o pae e mata o filho da mãe! — tudo em scenas sinistras, de pôrem cabellos em pé e nervos em arrepios de sustos!...

Vae ser successo egual ao dos fogos, que virão como remate. E os deste anno promettem. Lá estão espécados na ponta dos mastros, esperando o estupim pyrotechnico. Nada falta ha de tudo: — fontes luminosas, fragatas com boccas a vomitarem balas, bailarinas, de grandes saias, que dansam de perna alçada, e outros e muitos outros, incluida a classica pombinha que de asas abertas e bico estendido, virá em rapido vôo accender o painel — **Gloria ao Divino** — que nos levará á illusão de estarmos num paiz de encantada fantasia...

Pois mesmos assim, com tanta variedade junta — todas de darem prazer e gozo, — ha gente com tão máo gosto, que fica em casa e lá não vae...

AREIMOR

Directoria do "Sodalicio da Sacra Familia", creado pelas senhoras da nossa alta sociedade, para abrigar cegas.

CICERONE.

— Você sabe onde é a rua da Misericordia?

— Sei, sim senhora. Não é uma que se chama General Camara.

Dentro da minha vida somnolenta você passou, suave e leve como um perfume. Espiritual e sonora como um grande gesto de poesia.

Fez a festa dos meus olhos. Collocou o seu sorriso feliz na tristeza dos meus lábios vasios de caricias.

Os seus olhos grandes de turca mataram a ansia que havia nos meus olhos alongados na distancia.

O seu corpo pequeno annullou em mim o desejo de aventuras.

Você encheu de sol e de vida essa coisinha perfeitamente inutil que é a minha mocidade.

* * *

Mas eu só comprehendi essas coisas vagas e quasi banaes quando você passou pelo braço do outro.

Só então eu comprehendi que você tinha sido uma figura decorativa, mas indispensavel para a minha vida.

Senti a ausencia da sua bocca de morango e do seu sorriso claro de manhã de sol.

Faltavam nos meus versos uns olhos grandes de turca e uns gestos provocantes que eram os seus gestos e os seus olhos.

Foi preciso a sua traição para que eu entendesse que havia sido amado. Para que eu percebesse que havia existido um pequenino sol no meu destino foi preciso o sabor amargo desse grande martyrio interior.

* * *

Você dizia sempre, numa attitude exaggerada de ciumenta, que eu vivia mais para os meus versos do que para você. E os seus dedos finos passavam pelos meus cabellos num desejo incontido de caricias.

E o seu beijo, impreciso e medroso, punha na minha bocca a força do seu ciume.

E eu ria, orgulhoso, da inveja que você tinha da minha arte.

Agora a minha arte se desfez. E os meus versos morreram dentro da gaveta cheia de coisas imprestaveis. Você era a alma cantante e sonora dos meus versos.

E você passou pelo braço do outro!

* * *

Estas palavras dolorosas eu as escrevi, ha dois annos, para você, meu grande amor pequeno. Para você, Daisy, que hoje mudou como eu mudei. Que não pensa mais nesse objecto perfeitamente ridiculo que é o amor. Que se civilizou e se transformou, miraculosamente, numa encantadora menina de circo.

E você só lerá esta pagina porque a alma romantica que existia em mim morreu. Numa agonia lenta de todos os instantes.

Morreu entre os seus dedos inquietos como se fosse um simples brinquedo inutil de menina travêssa.

CASAMENTOS

Zilda Faria com Lincoln A. Machado
No centro, em cima:
Lucia Bastos com Alcides Neves de Castro

Zoe Horta Devolver com Dionisio Digenio
No centro, em baixo:
Lygia Ferreira da Cunha com Espedicto Mendes Corrêa

Maria Nazarena de Magalhães Castro com Pedro Carlos de Andrade

Ruth Torres com Joaquim Monteiro Corrêa

No Casino Phenix - Dancing. O director e professor Alberto Escaris com suas auxiliares no ensino das dansas modernas.

Em baixo:

Professora Alcina Navarro de Andrade que realiza hoje, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, um concerto com suas alumnas. O maestro Francisco Braga regerá a orchestra.

Alguma cousa sobre a felicidade

A felicidade!

Não creio nella. E talvez seja por isso que sinto uma raiva enorme de toda esta gente que se diz feliz!...

✣ ✣ ✣

Ser feliz é uma cousa tão banal, que entre a felicidade e a infelicidade eu escolherei sempre a segunda.

✣ ✣ ✣

Que a minha enorme alegria seja toda pela minha magnifica infelicidade.

✣ ✣ ✣

Tu és infeliz?
Não?!...
Si tu soubesses como é bom a gente ser infeliz!

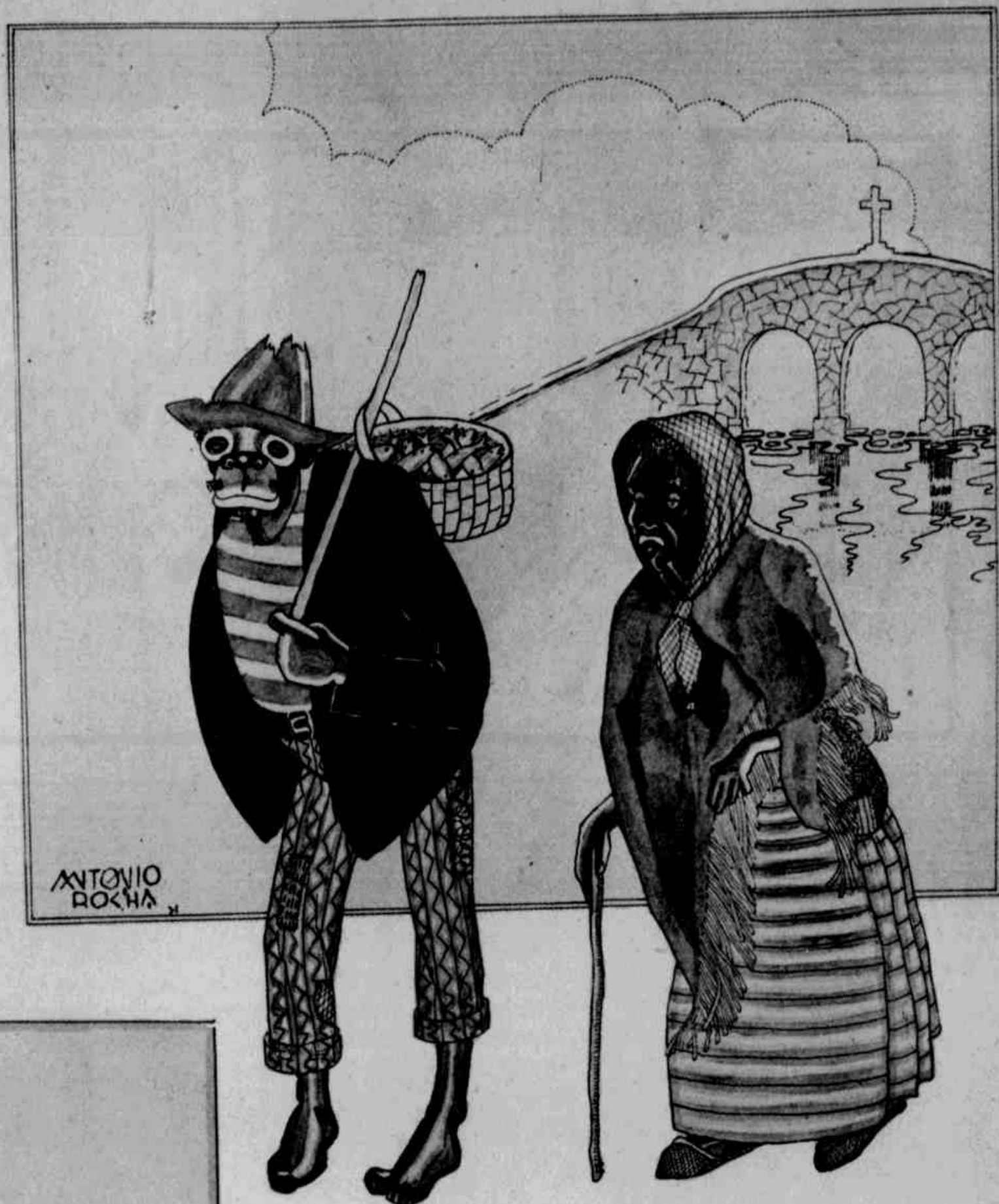
✣ ✣ ✣

Ha momentos na vida da gente, em que a gente tem vontade de nunca ter sido gente!

✣ ✣ ✣

Eu não creio na felicidade. Mas quando vejo uma mulher soffrer sinto tamanha satisfação, que até parece que eu sou feliz!...

ZOLACHIO DINIZ

Um artista que começa: Antonio Rocha

O peixeiro e sua mulher

Vendedora de congonhas em S. João d' l-Rey

Antonio Rocha por Nestor

de Elegancia

POIS você deixa transparecer que tem vontade de voltar. Fiquei, assim, um tanto embalada por doce esperança. Venha. O outomno ahi está. E a guarnecer os vestidos, tiras de fino "astrakan", e surgem, rentes ao pescoço das mulheres, ou displicentemente pelos hombros, os bellos "renards" louros e "argentés", azues e côr de arminho. Os vestidos de verão, transparentes, diaphanos, esvoaçantes, muito rejuvenescem. Mas nos de inverno ha encanto novo. Porque modicam a gente, porque nos tornam differentes, porque... são outros. E' o sabor da novidade, o prazer da troca. De roupas, minha querida, de roupas. Porque, em casos outros ha quem assevere: quem está bem não muda. Dahi, do seu canto de capital de provincia com fóros de alta civilisação, com pretensões a conhecer do verdadeiro "chic", você não desdenhará novas do Rio, desta cidade que cada dia é mais bonita aos olhos de quem nella vive, aos olhos dos que por ella apenas passam.

Já sabe pelos jornaes das festas principescas ao Principe de Galles. E até você me contou que, ahi, elle esteve algumas horas, dansou, dansou muito, mas levou o par de bordo, uma graciosa filha de terra platina. As suas conterraneas não ficaram muito contentes — rematou você. Mas, minha filha, um principe é sempre uma cousa especial nestes tempos de prurido republicano. Um principe vae-se tornando tão raro — principalmente um principe que está com a quasi certeza de que reinará — que basta satisfazer a curiosidade de o vêr. Aposto que nem a isso você se abalançou. Você leu noticias, indagou das amigas, formou a sua opinião, e se deu por satisfeita. Fez, depois, o commentario que me enviou, e está a pensar noutra cousa. Certo. Pensou... e é de regra não pensar mais nisso.

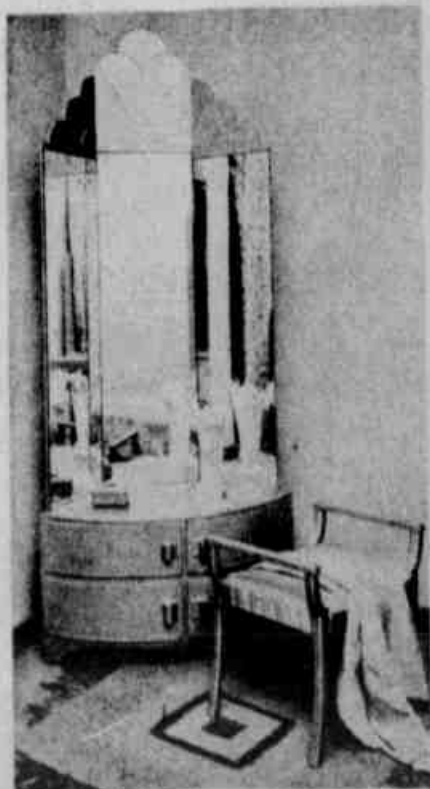
Falemos de modas. Você vae espantar-se um tantito com a extravagancia, que, á primeira vista você observará nos modelos de "tailleurs" desta pagina, e escolhi e descrevo pensando em você. Será, apenas, primeira impressão. Ao contrario do proverbio: que são as que mais gravamos, você se acostumará á nova silhueta e achará sabor exotico nestes costumes de dois tecidos em duas cores. O primeiro, como você vê é composto de vestido de "crêpe" da China vermelho escuro e casaco-collette de *scotmayah* tambem vermelho com lambiscos brancos e pretos. Os canhões das mangas, até os cotovellos, são de "crêpe" preto, bem como a especie de gravata ainda com incrustações de "crêpe" branco. Em seguida: saia de "crépalga" preto, casaco de escossez branco e preto e golla de cambraia de linho branca; um casaco da lavra de Lenief, de velludo vermelho "geranium" e grande golla de "renard" preto; vestido de "crêpe" setim preto, saia em forma, muito ondulada embaixo. E' uma creação para você. Troque as tonalidades, aproveitando para este feitio o seu corte de "crêpe" azul rey. Faça o casaco de velludo preto com "renard" preto, na golla, ou ainda o "astrakan" preto.

Você, bonita e graciosa, gosta dos tecidos de estamparia. Saiba, pois, que, em Paris, na Primavera que por lá distribue alegria com a volta dos dias de luz, as musselinas estampadas estão no rigor da moda, á noite, e ainda de dia, para visitas. Os costureiros parisienses, habilissimos, deram a um só vestido o feitio de visita, de "soi-

rée", e ainda construiram o casaco a que chamaremos — agasalho. Aqui vae o "ensemble" de que falei, e que é de Gorin, denominado "jour et soir", por ser de verdadeira utilidade em differentes occasiões. Na primeira figura a tunica é bem franzida e presa por laçada, num dos lados da cintura. Basta affrouxar o laço, e os franzidos se desfarão de geito a que a saia venha até os pés. Na primeira figura, uma golla capa cobre as costas e forma manguinhas que se prendem por laçadas tambem. Depois, a golla partida ao meio cahirá dos lados, como asas, e o decote necessario ao vestido de noite surgirá como

por encanto. Por fim: o pequeno casaco cuja golla amarrada ao pescoço indicará que elle serve de dia, ao passo que, aberta, pontas esvoaçantes, é o "manteau" de noite. Preste attenção aos varios moldes de mangas que aqui figuram tambem E diga se, mesmo a coisa mais simples não dá trabalho, e grande, para quem a cria... Mais de quatro vestidos de baile: musselina de seda branca, cinto com fivela de "strass" e pequeno casaco "pailleté" de vermelho e mangas de babados de musselina de seda vermelha, vestido de "Georgette" turqueza; vestido de "tulle" preto; crêpe Romano marfim e capinha de velludo preto.

Você me falou, embora veladamente, em vir. Falou em casa nova, pittoresca, com vista para a Lagôa e tambem, de outra banda, o verde negro das montanhas tão altas que quasi tocam o céo. Pois aprecie a penteadeira moderna e o canto de sala-escriptorio, propositadamente escolhido para attrahir você.

Venha. Na Casa Allemã ha novidades e tecidos para forrar moveis e confeccionar cortinas — tintos por "Indanthren". Você deve saber que cór que é colorante que resiste á acção do tempo e constantes lavagens. A. Dorét conta c o i s a s interessantes e cada vez mais se esmera no arranjo dos cabellos das mulheres. O Castro Araujo está sempre expondo joias de phantasia, e carteiras, e objectos de arte de fazer perder o juizo... Se você tivesse podido vêr a vitrine azul... As sedas do Parc Royal... Voce b e m a s c o n h e c e p o r q u e as prefere. E *Chez Marie Camille?* Que pensa você desta "boite" onde se encontram vestidos lindos e os mais lindos chapeus? E as rendas da "Nôtre Dame"? E... as fitas de cinema? Depois de Anna Christie, com a "fatal" Greta Garbo, "Nada de novo no "front". Um fitão. Você já leu o livro? Nem me diga que não. Porque você não deve perder a obra de maior successo da actualidade.

Escreva-me. Nem que seja para falar das "velharias" fascinantes da sua terra. Fale dellas com a sua graça de mulher moça e intelligente. "Till"...

SORCIÈRE

DE TUDO UM POUCO

Gravatas — **Masculinas.** Como outras differentes peças do vestuario da gente do sexo forte. Não se pode falar de gravatas sem que se tenha em mente o riscado da camisa ou as listras da roupa. Coisas que devem estar de accordo. Gravatas de estamparia, sempre na moda. E as lisas estão a vir, agora, muito bonitas e em tecidos maravilhosos. Gravatas e camisas, toda a "lingerie" fina para homens em exposição nas vitrinas da Casa Samuel — Avenida Rio Branco 124.

Loções — Habitos que se vão americanisando. Productos inglezes — Atkinson Royal Briar — agora em fabricação no Brasil, é o que se usa nas bandas civilisadas de Londres, o que se prefere no mundo inteiro como loção de primeira ordem, e o que se vae preferindo nesta linda cidade á beira da Guanabara.

A mulher fatal — De 1931. Nem é grande, nem cheia de corpo, nem usa olhos bistrados, cabellos pretos, agarrados á cabeça, luzidios, torcidos na nuca, nem vestidos muito justos. Não sendo, por conseguinte, Theda Barba. Nem cendo tambem, embora um pouco diversa, a morena Francesca Bertini.

A mulher fatal do dia é loura, lourissima, fina, branca, branquissima. E' Briggite Helm, é Marlene Dietrich, e é Greta Garbo. São ellas, todas tres, brancas de neve e silhueta fiapo. Estão na moda e com aquelle titulo de acima.

De tudo um pouco nao exprime o que aqui caberá, está claro, de uma só vez. O leitor paciente, ou a leitora bonissima, se se interessar pela pagina ha-de, certamente, procurar lel-a todos os sabbados, como muita boa gente espera, cada manhã, num jornal, o folhetim que a empolga. Isto aqui, leitores de ambos os sexos, nem chega a ser folhetim. Graças a Deus! Um folhetim é cousa muito grande e trabalhosa. Um folhetim é uma cousa tyrannica: pára justamente quando se está no melhor da festa. E a nova secção de *Para todos...* espera não parar, ou melhor procurar fornecer, em poucas linhas, impressões de varios assumptos que possam attrahir a curiosidade de quem se interessa pela revista.

De tudo um pouco — está longe de ser a obra paciente de um colleccionador, ou a paciente escolha da bicharada com que Noé encheu aquella arca de saudosa memoria, aonde, ao fim de uns tantos dias, chegou um raminho verde em bico de conhecida ave. E' tarefa. Mas ajudada pela boa vostade de quem só deseja a g r a d a r ao publico, divertindo-lhe o espirito com uma piada interessante, contando-lhe novidades da moda, commentando festas, elogiando obras de arte, referindo-se a varios assumptos em topicos ligeiros, breves, de accordo com o dynamismo da vida hodierna, em que "time is money", embora o tempo vôe e o dinheiro se torne cada vez mais arisco.

De tudo um pouco—é uma coisa complexa de que se extrahirá o maior numero possivel das menores syntheses.

De tudo um pouco — cogitará de frivolidades para as mulheres — e para os homens tambem. Estampará gravuras de pequenos nadas, de roupas, de moveis, de casas... Um pouco de tudo!

De tudo um pouco, leitores bem intencionados, é, de vez em vez, a escolha de variados aspectos da vida nas suas multiplas formas, desde a ninharia banal á mais elevada. Sendo, assim, de semana em semana, a selecção de assumptos dentre casos illimitados para limitado espaço de uma pagina.

De todos os dias: a amabilidade excessiva ou a completa ausencia de amabilidade de muitos empregados de lojas. Quem attende a um freguez quer seja elle preto ou branco, apparentemente rico ou pobre, tem, por obrigação, attender com gentileza. Mas tal gentileza levada ao excesso é synonymo de má creação, degenera em grosseria.

Que os amantes da amabilidade adocicada demais levem em conta que a "linha" é inimiga do exaggero, e, por serem muito "melosos" compromettem, muita vez, a venda de um nada como até poderão comprometter um excellente negocio.

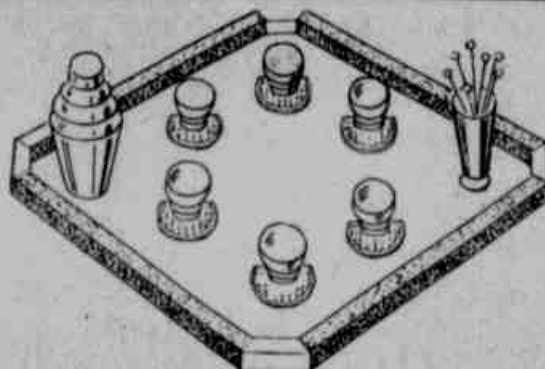
Extremo opposto é o descaso, a flagrante má vontade com que certos empregados recebem a freguezia. Aqui como lá são incontestaveis impertinencias, que, com boa vontade, certa dóse, apenas, de boa vontade, podem ser corrigidas.

S.

Flores — ...E guardo deliciosa recordação da minha festa. Preferi um casamento á antiga. Em vez do "lunch" em mesa alta e commensaes de pé, um jantar para todos os convidados, e dansas. O que se fazia, em eras remotas, e

ainda se usa em muita cidade da provincia, era quasi absurdo. Dias e dias de festança. Sou, minha amiga, pelo meio termo: nem o "lunch" apressado, de pé, na attitude de quem está a dizer — comida feita companhia desfeita — nem pagode interminavel. O grande jantar e o baile em que os noivos tomam parte, abrindo-o, com a primeira contradansa, é agradavel porque lembra o habito dos nossos antepassados, e, quiçá, dos nossos proprios paes; e é agradavel porque força a reinar de novo, no Brasil, um habito absolutamente brasileiro. Mas o que me encantou muito, além da bella festa, foi a profusão de flores com que me brindaram minhas amigas: "corbeilles" artisticas, ramos graciosos, caixas que me servirão para guardar lenços, leques, luvas, e mesmo como adorno do meu guarda vestidos, que é movel moderno, e, por conseguinte, quasi da minha altura. Flores que procurarei guardar, embora depois de seccas. Falam de momentos inesqueciveis, lembram que já foram frescas e perfumosas, recordam a alegria de gente moça, recordando, mais tarde, o encantamento que se foi. Hontem, hoje, amanhã... — Flores assim, tão attrahentes, para a princepesca festa cujo relato acabámos de ler, e que estiveram por todas as festas principescas em homenagem aos principes britannicos, só na Casa Flora — Ouvidor e Gonçalves Dias.

Candieiro — é, no interior da provincia, uma cuia de folha, de metal ou de louça. O povo moderno acha muito interessante toda especie de antiguidades. Mas, se as usa, muita

vez as transforma. Assim, vemos ao lado um "candieiro" illuminado por pequena vela electrica numa armação de metal bronzeado. Como taes "candieiros" estão cada vez mais na moda, as pequenas lampadas veladas por artisticos "abat-jours", distribuem-se nas mesinhas, perto das confortaveis poltronas, nos cantos do quarto, em cantoneiras trabalhadas.

Cocktail — é a "perfumaria" mais apreciada dos ultimos tempos. As pessoas que seguem de perto os dictames da moda já não convidam os amigos — ou as amigas — para um chá, um prosaico cházinho com torradas á brasileira. E' gostoso, não ha duvida. Mas aquella mistura de alcool, tão bem querida na terra da lei secca, é que supera. E' admissivel, com o "cocktail" em reuniões cá da terra, o uso de biscoutos, de fatias de bolo, de *bonbons*. Porque, nem toda a gente gosta tanto de amendoim... Para o "cocktail" nacionalisado, que *madame* offerecerá ás amigas, inaugurando a serie de outros da proxima temporada, lembro, aqui, um bolo que ia a cantar com uma chavena da bebida da India:

Bolo de areia: 4 ovos, duas chicaras de assucar, quatro colheres de manteiga e um pacote de fecula de batata. Bate-se, em primeiro logar, e durante 10 minutos, o assucar com a manteiga, juntando-se, depois, os ovos, batendo conjunctamente mais dez minutos, e, por fim, a fecula que soffrerá o mesmo processo e em igual espaço de tempo. Fôrma untada com manteiga e forno quente.

Um canto attrahente — O que vae nesta pagina é uma especie de escriptorio, de sala de estar, de salão de visitas. Um pouco de cada cousa nesta confortavel installação tão do gosto moderno.

Qual será o meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

N. 985 — ROSA BRANCA (S. Paulo) — Não deveis ouvir as palavras de um joven que vos trahirá se fôr attendido. Deveis, ao contrario, escutar os conselhos de um homem edoso que vos estima e só deseja vossa felicidade. Haverá no futuro desintelligencia entre dois jovens por vossa causa, ausentando-se um delles despeitado por não ser o preferido. Tereis desgostos passageiros por causa disso.

N. 986 — LAURINHA (Rio) — Um homem que se occupa com o vosso futuro adoecerá sem gravidade, ausentando-se por isso temporariamente. Vossa correspondencia será interceptada, havendo desvio de pequenos dinheiros o que vos causará algum desgosto. Vejo leviandade de um joven. Uma mulher que vos estima vos dará uma prenda em nome de terceira pessoa.

N. 987 — BARÃO DAS CREOULAS (Rio) — A caminhos breves vem uma carta trazendo novidades e surprezas pouco agradaveis. Fareis uma pequena viagem de poucos resultados praticos, mas no futuro vejo bom exito em negocios e ventura duradoura. Ha uma mulher na vossa vida que muito vos estima e ainda se sacrificará pela vossa completa felicidade.

N. 988 — FLOR DO AMOR — (Campos Elyseos — S. Paulo) — Em horas de comidas e bebidas recebereis uma declaração de um joven apaixonado por vós. Haverá depois obstaculos a um casamento, os quaes serão vencidos com perseverança e força de vontade. Vejo alguns desgostos, lagrimas e ciumes provocados por uma rival de má indole. No futuro haverá calma, socego e ventura duradoura.

N. 989 — FORMIGUINHA (Cattete) — E' venturoso vosso futuro. Um joven de boa posição e de fortuna vos fará uma promessa que será realizada. Vejo um casamento vantajoso nesta casa seguido de longa viagem. Haverá dinheiros grandes e bastante alegria provocando ciumes e despeito em uma falsa amiga invejosa da vossa ventura.

N. 990 — DAMA DE OUROS (Rio) — Vosso futuro será brilhante. Vejo um acontecimento feliz e inesperado que vem a caminhos breves, acompanhado de melhoria de posição e dinheiros grandes. Haverá ainda uma viagem de bons resultados praticos. Apenas um homem edoso adoecerá gravemente nesta casa, porém, se restabelecerá depois.

N. 991 — UMA GAÚCHA (Rio) — Recebereis, não agora, uma carta cheia de surpresas e novidades. Deveis ouvir os conselhos de um homem edoso e de bom parecer que vos estima e deseja vossa felicidade. Haverá nesta casa um matrimoio de amor com muita alegria, porém, pouca fortuna. Vejo um homem moreno que vos estima e fará pequena viabem breve.

N. 992 — ONDA DE LARANJEIRA (?) — Haverá traição de falsa amiga. Um processo no fôro, prejuizos materiaes e moraes. Um homem da lei vos dirá boas palavras, ficando ao vosso lado e vos protegendo contra ciladas de inimigos. Recebereis uma prenda de pessoa que não esperaes. Tereis um desgosto passageiro e depois felicidade duradoura.

N. 993 — BRIZA (Conquista — Bahia) — A caminhos vagarosos virão noticias desagradaveis que nos trarão constrangimento. Em horas de comidas e bebidas sabereis de novidades fóra de casa e recebereis um dinheiro de pessoa ausente. Fareis tambem uma longa viagem de bons resultados praticos e sereis feliz.

N. 994 — D. P. A. R. (Rio) — Vejo poucos dinheiros e vicios, em uma noite, trazendo desgostos a um homem de negocios e a uma mulher morena e edosa. Haverá leviandade de um joven, provocando prejuizos materiaes e sua ausencia temporaria. Depois, regenerado, voltará. Vejo mais uma doença fóra de casa.

N. 995 — MARION (S. Paulo) — Ouvireis boas palavras de um joven em um banquete. Tereis uma grande alegria proporcionada por um homem que vos estima. Em uma egreja recebereis uma prenda que muito vos agradará, trazida por pessoa intermediaria e que vos presta bons serviços.

KHOM-EL-AHMAR

Mappa onde têm de ser escriptos os valores das cartas, conforme ficarem sobre a mesa, e depois recortado e enviado á redacção de "Para todos..." com o pseudonymo ou nome do consulente e localidade de onde vem.

Para todos...

Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - Gerente Antonio A. de Souza e Silva.
Assignatura: Brasil — 1 anno, 48$000 ; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro — 1 anno,....... 85$000; 6 mezes, 45$000.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro deve ser dirigida para a rua da Quitanda, 7 — Rio de Janeiro.

RESACA

(F I M)

violento, beijado pelo mar inquieto, seu corpo moreno e carnudo, onde os peitos se erguiam ameaçadores como cachôpos, e o ventre virgem se arredondava, saliente, numa promessa de fecundidade tropical, — adquirira todas as curvas tentadoras das ondas empoladas, o amavio assassino das sereias mysteriosas.

Uma tarde, em que estava ao oitão da choça, deitada á sombra dos coqueiros, espapaçada para o alto, com os braços sob a cabeça como travesseiros, e o olhar perdido na transparencia purissima do céo azul, Rosa ouviu um tropear de animal na areia do terreiro, poz-se de pé num relance.

Um soldado, a cavallo, passava a pouca distancia, na direcção do pharol. Ao descobril-a, soffreou a montaria, trotou para a cabana. Pediu um pouco de agua, apeou-se. A rapariga entrou em casa, pressurosa em attender-lhe; e, quando voltou, já o encontrou aboletado na salinha da frente. A mocinha parou espantada, sem saber o que dizer e pensar daquillo, mas o outro foi logo indagando:

— Ainda que mal pergunte, mais quem vosmecê mora aqui?

E, ante a resposta da menina, poz-se a lamentar-lhe a sorte, ali enterrada toda a vida, em vez de viver feliz na cidade, como as outras. E, de repente, num alvoroço:

— E' mesmo! Agora me lembrei que o commandante está procurando uma creada p'r'os meninos. Está! Vosmecê não ficava tão bem servida, se quizesse ir? — E, erguido, o sujeito achegava-se-lhe, tinindo as esporas, os botões da farda luzentes, elle todo num prestigio de figurão de magica.

Rosa mirou-o aturdida, fascinada pela miragem estonteante, e de tal geito que á noite, quando regressou á choupana, depois de se embriagar a tarde toda, o velho encontrou-a deserta.

Primeiramente, julgou que a filha andasse fóra, pelas cercanias do casebre. Poz-se a chamal-a, uma vez, duas vezes, seguidamente, sem obter resposta. Voltando á camarinha silenciosa e escura, intrigado, piscando os olhinhos turvos na treva, passando a mão pela barba: — "Qu'historia é esta?" — resmungava, sem atinar com a causa daquelle abandono. Foi á parede, ao fundo, e, remexendo nas palhas, procurou a caixa de phophoros no logar costumado. Riscou um, resguardando-o com a mão em pala, contra o vento. A um canto, atirado contra o muro, o tamborete em que sempre se sentava a filha; e o velho acocorara-se, mirando tudo com assombro, quando, á pequena distancia, junto ás palhas, viu alguma cousa pequenina, que scintil'ava, como uma bola de ouro. Apanhou-a apressado, mas o phophoro se apagara. Foi, então, buscar a lamparina de kerosene, na cozinha, accendeu-a, e poz-se a contemplar o botãozinho dourado, que certamente caira da roupa do soldado.

O velho rolava-o entre os dedos, em todas as direcções, num esforço enorme para comprehender, até que, de subito, jogando-o longe, com uma praga, tombou de joelhos no saibro, ao descobrir tudo.

A mulher fugira com um soldado, a filha fugia agora com outro, era a sorte!

Entrou a soluçar baixinho, numa grande ternura commovida, com as idéas baralhadas pelo alcool, como estavam. Balbuciava, como numa prece, com infinita doçura, o nome da filha que o deixara assim, chamava-a ternamente, ternamente, como quando ella era pequenina, e elle a sacudia nos braços, cantando o **Serra, serra, serrador**, para fazel-a rir. De repente, porém, cheio de raiva surda, ergueu-se a custo, amparando-se á parede, caminhou para fóra.

A noite descera de todo, uma noite aspera e negra, sem uma estrella a luziluzir no alto. O vento soprava, esfuziava; e o mar, adeante, arquejava em estouros cavos, enristando montanhas de aguas pesadas, como se por seu bojo andassem a combater os plesyosaurios cyclopicos, tal pelas noites fecundas da Génese.

O velho deu alguns passos pelo terreiro, as pernas pêrras, a cabeça á roda, desatou a berrar pela filha, numa grande voz carregada e rouca:

— Rosa! Rosa! ô Rosa!

Ninguem, porém, lhe respondia, no ermo soturno da treva. E elle poz-se a marchar lentamente, aos cambaleios, em direcção ao povoado.

Perto, ao meio do trecho angusto, negrejavam os arrecifes, varados pelos vagalhões. A maré cheia, formidavel maré de Janeiro, que já o havia assustado ao ir para casa, chegava agora até ás abas do morro, estrondando rabiosa, como ansiando galgar o sêrro. Nos rochedos, então, era um borborijar formidoloso, uma espumarada escachoante, de aterrar.

O ébrio, emtanto, nada via, em cousa alguma attentava, seguindo sempre para a frente.

Subito, a poucos passos deante delle, uma lingua de agua, como um dardo liquido vibrado pelo oceano, estalou na areia, precipitou-se pela escarpa fronteira, descahindo após, sobre si mesma.

O pescador quedou attonito, como se notasse pela primeira vez a resaca estrupidante. Fez uma careta idiota, cuspilhou para o mar:

— Uai, diabo! A modo que tu tambem bebeu? — Riu, num riso muito engrolado, que lhe tomou o folego.

Ficou um momento a tossir, as mãos no peito, sorvendo o ar. Por fim, serenou, já proximo ao farilhão do cotovello, a custo trepou por elle emfóra.

Ao lado, numa batalha infrene, as ondas se atiravam de encontro á rocha e volviam, num retumbo possante. Por vezes, subiam até á crista do penedo, coroadas de espuma, abalavam por elle acima, numa estralada de garrancharias rompidas.

Perdido na treva espessa, bloqueado pelo temporal, o homem pávido, já meio livre do alcool, ia aos tropeções, aos saltos ora agachado, ora erguido, passava de um penhasco a outro, adeante marinhava por uma fraga abrupta. E, sempre, sem uma tregua, o mar bramante atraz delle, na frente delle, em baixo, aos lados, por toda parte, num assedio acirrado, encharcando-o de agua, espoucando em nivos, berrando a furia portentosa de seus anseios reveis. Afinal, o velho parou, — não podia continuar, o caminho adeante, estava invadido, chegava até elle o reboar os vagalhões passando sobre a rocha, indo estourar contra o areal, em baixo. Quiz retroceder, alapardou-se, e, as mãos num angulo, os pés noutro, saltou do cachopo a que se grimpara com enorme sacrificio.

Por um momento o mar pareceu acalmado branco de espuma, por um momento só.

Manuel estacou, confiando a barbuna desgrenhada e humida, outra vez atarantado, quasi em choro. Impossivel ir tambem por esse lado, o mar cortara-lhe ahi a retirada. E eil-o, pois, inteiramente cercado, olhando em volta, numa atonia desesperadora.

Mas, de repente, um vagalhão estupendo, alto e negro como a muralha de um forte, ergueu-se-lhe em frente, a poucos passos.

O pobre mirou-o aterrado, numa alucinação de pavor tremendo, forcejando por galgar novamente o penhasco de onde descera; e, sem sentir, numa voz estrangulada, em que foi todo o seu supremo desespero, berrou desvairado:

— Vadiação! Olhe isso!...

Já, entretanto, a vaga estrondara desfeita, na raiz do fraguedo. Em torno, em baixo, remoinhou um voltilhar revolto de massas liquidas, bojadas, ferventes, espumejosas; e, aos gonfalões, aos bramidos, baralhadas, numa tropeada de corceis furentes, as ondas jogaram-se para o alto, lavaram o penedo a que o homem subira, derrubaram-no. De roldão, levaram-no pelo penhasco afóra, onde o atiraram de encontro á duna fronteiriça; e, no mesmo turbilhão invencivel, volveram, rebolando o ébrio como uma cousa morta, rasgando-lhe as carnes contra as ruas de pedra, repuxaram-no para o mar.

Manuel não dera um grito, não fizera um gesto, nelle tudo cessou ao attingil-o a vaga; e, morto já, rolou pela penedia emfóra, tombou sobre o saibro rijo, sumindo emfim no boqueirão do inferno, aberto em baixo delle.

HERMAN LIMA

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para respostas.

M. A. A. (Rio) — Sua letra não é "tão horrivel" como diz. Vê-se por ella que é uma creatura amavel, nervosa, impaciente, fazendo tudo ás pressas e no mesmo instante, nada "deixando para amanhã" como é um habito muito nosso.

C. R. (S. João d'El-Rey) — Nobres ideaes, elevadas aspirações, um pouco de orgulho temperado com magnanimidade. E' reservada e caprichosa, tendo requintes de elegancia e gentileza.

Nota-se ainda vaidade e teimosia aliás muito naturaes nas jovens...

JOMARGOVA (Santos) — Muito interessante o anagramma que arranjou com as syllabas do seu nome. Vê-se que é um cavalheiro intelligente, activo, um tanto original, amigo de charadas, espirito curioso e irrequieto, franco, decidido com predilecção pelas situações complicadas e embaraçosas sómente pelo prazer de as resolver rapidamente.

DENISE DRAYTON (Pelotas) — Alma fantasista, construindo castellos de sonhos que desmoronam ao menor sopro... da realidade. Amiga das grandezas, do luxo, mesmo, das grandes viagens. Caprichosa, fina, distincta, muito delicada e melindrosa.. Verdadeira sensitiva de amor proprio susceptibilissimo.

YARA VERDE (Manáos) — Espirito poetico e sonhador, cheio de illusões e chimeras. Dedicada aos bons livros, intelligente e com algum preparo intellectual. Muito nervosa, inquieta, algo mysteriosa, cahindo em longas scismas, após momentos de estonteante alegria. Essa Yara verde que parece bem morena está adivinhando "passarinho verde", se é que não tem já preso nas malhas da sua rêde de pennas de garça...

TRISTÃO DE ISOLDA

A Imaginação Brasileira

(F I M)

ra não póde deixar de ter um esplendido destino, e vae para adeante impellido pela fatalidade, na barca da phantasia, certo de representar no mundo o papel que crê estar-lhe reservado.

E tambem nesse mysticismo physico da grandeza da terra estão as raizes do exaltado patriotismo, que se vae transmittindo ás gerações e dá logo á aurora da infancia essa illusão nacional, que enche a creança brasileira do orgulho da luz, do céo, das estrellas e das outras expressões da natureza patria. As menores cousas se engrandecem nessa miragem infantil. Para uma creança brasileira tudo da sua terra é superior a tudo da das outras terras. O Brasil é o paiz dos maiores rios do mundo, da mais bella bahia, e o Pão de Assucar a mais elevada montanha do globo. E quando a creança percebe o seu erro, chora amargamente essa decepção inflingida ao seu patriotismo. Mas a illusão da grandeza nacional lhe persistirá fecunda no espirito. E, mais tarde, fiel á miragem, a creança se tornará o homem ávido de alargar ainda mais a immensidade da terra brasileira.

DEPURATIVO

Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado pelo DR. EDUARDO FRANÇA (concessionario). A SALSA, CAROBA E MANACÁ, do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

É o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, boubaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.

O REI DOS DEPURATIVOS

NENHUM O IGUALOU AINDA

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Perú, Bolivia, etc.

PREÇO: — 4$OOO.

O DR. EDUARDO FRANÇA envia gratis, a quem pedir, pelo Correio, o interessante jornalzinho — "LUGOLINA & SALSA" — Av. Mem de Sá n. 72 — Rio de Janeiro.